

## Capítulo 1:

---

### PANORAMA E OBJETIVO DO ESTUDO

#### 1.1 APRESENTAÇÃO DO TEMA E JUSTIFICATIVA.

“Eleye com uma boca redonda.  
Pássaro àtíôro que desce docemente.  
(Eles se reúnem para beber o sangue) voa sobre o teto da casa.  
(Passando da rua) colocou no mundo  
(Come desde a cabeça, eles estão contentes).  
(Come desde a cabeça, eles estão contentes)  
colocou no mundo (Chora como uma criança mimada).  
(Chora como uma criança mimada) colocou no mundo ajé.  
Quando ajé veio ao mundo ela colocou no mundo três filhos.  
Ela colocou no mundo “Vertigem”  
Ela colocou no mundo “Troca e sorte”  
Ela colocou no mundo “Esticou-se fortemente morrendo”.  
Ela colocou no mundo estes três filhos.  
Assim eles não têm plumas.  
o pássaro akó lhes deu as plumas.  
Nos tempos antigos, elas dizem que elas não gratificam o mal  
no filho que tem o bem.  
Eu sou vosso filho tendo o bem, não me gratificai o mal.  
Vento secreto da Terra.  
    Vento secreto do além.  
    Sombra longa, grande pássaro que voa em todos os lugares.  
    Noz de coco de quatro olhos, proprietária de vinte ramos.  
    Obscuridade quarenta flechas (É difícil que o dia se torne noite).  
    Ela se torna pássaro olongo (que) sacode a cabeça.  
    Ela se torna pássaro untado de osùn muito vermelho.  
    Ela se torna pássaro, se torna irmã caçula da árvore akòko.  
    (A coroa sobe na cabeça) segredo de Ìdo.  
    A rã se esconde em um lugar fresco.  
    Mata sem dividir, fama da noite.  
    Ela voa abertamente para entrar na cidade.  
    Vai à vontade, anda à vontade, anda suavemente para entrar no mercado.  
    (Faz as coisas de acordo com sua própria vontade).  
    Elegante pássaro que voa no sentido invertido de barriga para cima.  
    Ele tem o bico pontudo como a conta esuwu.  
    Ele tem as pernas como as contas sègi.  
    Ele come a carne das pessoas começando pela cabeça.  
    Ele come desde o fígado até o coração.  
    O grande caçador.  
    Ele come desde o estômago até a vesícula biliar.  
    Ele não dá o frango para ninguém criar,  
    mas ele toma o carneiro para junto desta aqui.”  
    (Verger; 1992:90)

O texto de Verger é hermético, simbólico, truncado e reticente impelindo-nos a adentrar na complexidade do universo afro-descendente brasileiro

O sistema religioso africano-brasileiro é passado de geração a geração de forma oral, pois acreditam seus sacerdotes que a palavra verbalizada possui o poder de transmitir o Axé, força contida nos ensinamentos herdados de seus ancestrais.

Os sacerdotes utilizam dos oráculos de Ifá e Jogo de Búzios para conhecer os odús, signos que contêm itans: contos milenares que versam sobre a história da criação do mundo e dos Orixás - divindades que simbolizam as forças da natureza, quando da separação do mundo em Orum (mundo celeste) e Aiê (mundo material).

O texto de Verger traduz alguns destes itans relativos a Iyami Òsòròngà, cuja tradução para a língua portuguesa é "Minha Mãe" Osorongá.

Iyami Osorongá é proprietária de um pássaro chamado Aragamago e de uma cabaça segundo o odú Írété Ogbè. (Verger; 1992:80).

Para os religiosos africanos e afro-descendentes, a representação mais perfeita do Universo é a Cabaça: Igbadu onde estão contidos os segredos da criação do Aiê. Odù, Odù Lógbáje ou Iya Malé é o nome que Osorongá possui quando torna-se sua proprietária: Mãe dos Orixás.

Outra máscara de Iyami é como anciã, a mulher sábia e respeitável, que pode também ser chamada de Àgbà ou Igba nla: "Aos apelos que seus filhos fizerem, ela responderá do interior da cabaça, pois ela tornou-se idosa". (Verger; 1994:67)

Iyami Osorongá é um dos Orixás mais antigos, possui o poder de fecundar, fertilizar ou esterilizar conforme seu desejo. A força de Iyami é tão poderosa e aterradora que se alguém proferir seu nome deve colocar a ponta dos dedos no chão em sinal de respeito.

## 1.2 HIPÓTESES

O silêncio que ronda o nome de Iyami Osorongá leva a supor:

1. Se Osorongá foi um mito matriarcal do período neolítico – época na qual o sistema familiar, conceito de posse e leis não eram definidos, então o pânico, terror e superstição existente entre os sacerdotes e devotos dos cultos africano e afro-descendentes poderiam ser resultantes do medo de um caos social.
2. Caso a devota de Iyami Osorongá não pudessem cultuá-la abertamente, devido o sincretismo religioso católico-iorubano, então seria venerada sob os véus da Irmandade da Boa Morte, através da devoção a Nossa Senhora.

## 1.3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A escassez bibliográfica sobre o tema levou-nos a encontrar Iyami Osorongá sob as qualidades dos Orixás femininos retratados por Pierre Verger na Bahia e Nigéria, nos rituais nagô sobre a morte descritos por Juana Elbein, nos rituais axexê e mitos iorubanos comentados por Prandi e nos abiku, as crianças que nascem para morrer, pesquisados por Augras aprofundando-nos no Candomblé – percebendo-o enquanto fator de resistência política e cultural do negro - religião de origem africana estabelecida no País.

Nina Rodrigues<sup>1</sup> foi o pioneiro no estudo da questão negra no Brasil, estudou as diferentes etnias africanas e sua religião com “um olhar de fora”: distanciado da comunidade africana e afro-descendente estabelecida no País.

Alertados por Marco Aurélio Luz percebemos seu pensamento segregacionista-científico europeu, conseqüente de sua época:

“O critério científico da inferioridade da raça negra...

Para a ciência, não é esta inferioridade mais do que um fenômeno de ordem perfeitamente natural, produto da marcha desigual do desenvolvimento filogenético da humanidade”.

(Apud Luz; 2000:208)

Pierre Verger, Juana Elbein dos Santos, Júlio Braga, entre outros antropólogos conhecidos, optaram por um “olhar de dentro”: observando, participando e interagindo no universo pesquisado, tornado-se além de especialistas, membros respeitáveis nas comunidades pesquisadas.

“É preciso pôr-se de sobreaviso e impor-se uma vigilância consciente a todos os instantes para não incorrer em concepções ou na utilização de terminologia que se origine do etnocentrismo ou da falta de conhecimentos.

A revisão crítica permite destacar os elementos e valores específicos Nagô do Brasil, como próprios e diferenciados da cultura luso-européia e constituindo uma unidade dinâmica. É nesse sentido que insistimos tanto num enfoque “desde dentro”, isto é, a partir da realidade cultural do grupo”.

(Elbein, 1998:20)

O estigma da cólera e desequilíbrio desta egrégora ancestral dificultou nosso acesso a informantes, além do fato dos sacerdotes do candomblé terem certo receio em relação aos pesquisadores e o mundo acadêmico.

Tentamos discutir sobre o assunto em fóruns virtuais sobre candomblé e a referência, quando nos era passada, sempre remetia a Verger ou aos rituais Geledé na Nigéria, quando não recebíamos mensagens alertando que tal Orixá não era assunto para Net ou que não lidássemos com tal energia.

Em nossas estadias na cidade de Salvador, em março e julho de 2001, apenas as pessoas que nos eram muito próximas passaram informações superficiais e truncadas sobre o assunto ou como Iyami Osorongá atuava sobre nossa cabeça e dirigia nosso destino naquele momento.

Percebemos em Elbein que para conseguir acesso a tais informações ou vivências, teríamos de ser iniciados de grau hierarquicamente superior ou “os mais velhos”, como diz o “povo de santo”.

A persistência é um Dom das Filhas de Oxum... e o Destino levou-nos a conhecer o Ifá-Toso Fábio Escada que muito nos ajudou com seu material e sabedoria através de entrevistas informais.

A temporada soteropolitana permitiu-nos recolher material no Centro de Estudos Afro Orientais da Universidade Federal da Bahia (CEAO/UFBA), Fundação Casa de Jorge Amado, fotografar os Murais de Carybé e por fim, termos um rápido contato com Professor Ordep Serra que indicou-nos que estamos apenas no começo desta caminhada, pois para aprofundarmos é necessário nos adequar ao tempo africano...

Hey Iroko | Sò | Só!

---

<sup>1</sup> Raimundo Nina Rodrigues (1862-1906), médico e antropólogo brasileiro, natural de Vargem Grande, Mato Grosso, analisou os problemas do negro no Brasil com profundidade tornando-se referência para inúmeros pesquisadores sobre o assunto. Escreveu: As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil (1894), O animismo fetichista dos negros da Bahia (1900) e Os Africanos no Brasil (1932).

## Capítulo 2:

---

### TESSITURAS CULTURAIS: NOVOS CAMINHOS PARA A EDUCAÇÃO. MORIN E O BORÍ.

“Ori Buruku, Kossi Orisha!”  
Frase de terreiro<sup>2</sup>

Edgar Morin, educador e filósofo contemporâneo, em seus livros *A Cabeça Bem Feita* e *Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro* alerta-nos para as mudanças paradigmáticas emergentes além de levantar e propor novos olhares para várias questões pertinentes à globalização, educação, cidadania, e a poesia na vida.

O velho paradigma positivista instaurado no século XIX propôs a descoberta de verdades absolutas através do método matemático: qualificando e quantificando seus Objetos de estudos, portanto fragmentando, compartimentando, especificando o Saber, ocultando o Ser humano e suas angústias naturais pertinentes a Ele Próprio, a natureza, ao universo. As ciências humanas tornaram-se impertinentes ao próprio ser humano e essa visão fragmentada sobre a ciência ainda ecoava no século XX quando o antropólogo Levy Strauss argumentou que o objetivo das ciências sociais não era revelar o homem, mas colocá-lo em estruturas.

---

<sup>2</sup> Cabeça Ruim não dá Orixá!

As descobertas da Nova Física, a partir de 1905, e a teoria da relatividade proposta por Einstein, trouxeram questões como Tempo, Espaço e Observador sobre objeto observado para a metodologia científica, iniciando uma mudança de pensamento na qual o Sujeito passou a fazer parte das descobertas, da ciência, da vida. O Homem estava voltando a fazer parte da história no Ocidente.

A Segunda revolução científica iniciada nos anos 50, com a teoria geral dos sistemas formulada por Bertalanffy mostrou que organizações em sistemas não podem ser concebidas isoladamente ou fragmentadas, como propunha a ciência positivista, pois produzem qualidades desconhecidas quando vistas no todo, propriedades estas chamadas de emergências. As emergências dialogam entre si e modificam a complexidade nos sistemas.

A complexidade mostra-nos que podemos observar sobre diferentes aspectos (especificidades) e que estes aspectos formam uma totalidade, globalidade.

A partir dos anos 60 novas emergências, tais como a Ecologia e a Cosmologia, foram se estruturando e reintegrando as ciências da natureza, conseqüentemente ao Homem e suas inquietações.

“Conhecer o humano não é separá-lo do Universo, mas situá-lo nele”.

(Morin; 2001:37)

Percebendo o homem também como uma emergência, seus anseios, reflexões, sua cultura e os conceitos de sociedade, começaram a ser reavaliados. O desenvolvimento dos meios tecnológicos de comunicação geraram a explosão das trocas culturais a partir dos anos 80.

Este novo conhecimento fez-nos perceber o planeta como um Todo composto por seres, humanos ou não, diversos e interdependentes dentro do sistema. A visão fragmentada de apenas um destes aspectos na atualidade torna-se alienada da realidade.

A escola e seu sistema educacional persistem numa visão fragmentada, descontextualizada, segregacionista, herdada do positivismo na história ocidental. O conhecimento proposto pela escola é separatista e analítico contrapondo-se a ligação e síntese que organiza e resulta na reflexão dos saberes, portanto muito distante de uma democracia cognitiva.

O saber contextualizado, globalizado tende a manifestar, usando as palavras de Morin, “um pensamento ecologizante”, no qual todo acontecimento, informação ou conhecimento possui uma relação de inseparabilidade com seu meio ambiente (cultural, social, econômico, político, etc.). Esta forma de entender e refletir mostra-nos os acontecimentos em seu contexto, fazendo-nos perceber como este o modifica ou o explica de outra maneira. É através deste “pensamento ecologizante” que percebemos a diversidade – individual e cultural – apesar da similitude da espécie humana:

“Pelo nascimento, participamos da aventura biológica; pela morte, participamos da tragédia cósmica. O ser mais corriqueiro, o destino mais banal participa dessa tragédia e dessa aventura”.

(Morin; 2001:36)

A aventura da vida, vista e entendida, dessa forma complexa não comporta barreiras. Dá-se a necessidade de abrir novas fronteiras de conhecimento, trocas e tolerância mútua. É apresentando alguns aspectos do culto afro-descendente brasileiro que pretendemos contribuir para estabelecer uma malha de trocas entre cultura afro e euro-descendente.

As teorias do Caos e da Incerteza demonstraram a saga do Cosmo que organizou-se ao desintegrar-se, aniquilando a anti-matéria pela matéria, a autodestruição de numerosos astros, colisão de galáxias gerando entre outras coisas um terceiro planeta numa pequena estrela, nomeada por nós humanos de Sol.

A Ecologia, ciência recém emergida, tornou-nos conscientes da importância do planeta Terra no cosmo, como sistema, na biosfera e como pátria da raça humana, não como soma destes fatores, mas como uma totalidade complexa físico-biológica e antropológica.

Na gênese africana encontramos pinceladas destas teorias no texto de Adilson de Oxalá:

“Em um tempo imemoriável, nada mais existia além do Orum<sup>3</sup>... Lá existiam todas as coisas que existem hoje em nosso mundo, só que de forma imaterial, mais sutil. Tudo o que ali havia era protótipo do que temos hoje em nosso plano existencial.”

(Ogbebara; 1998:13)

Outro mito sobre a criação do mundo narra:

No começo de tudo quando não existia a terra e tudo era céu ou água, Olodumaré – o Deus Supremo – percebeu que aquele não era o mundo que desejava, que o mundo precisava de mais vidas. Criou então sete príncipes coroados e riquezas jamais vista, criou uma galinha e vinte uma barras de ferro, criou também um pano preto e um pacote imenso que ninguém conhecia seu conteúdo, por fim, criou uma corrente de ferro muito comprida, na qual prendeu os tesouros e os sete príncipes e deixou cair tudo isto lá do alto no céu.

Muito sábio jogou do céu também uma semente de igi opê<sup>3</sup> que cresceu rapidamente e serviu de abrigo seguro aos príncipes. Sendo comandantes por natureza, os príncipes precisaram se separar e cada um tomou seu destino. Antes de partirem resolveram dividir entre si o tesouro que Olodumaré tinha criado.

Com os seis mais velhos ficaram os búzios, as pérolas, os tecidos e tudo que julgavam de maior valia. Ao mais moço coube o pacote de pano preto, as vinte uma barras de ferro e a galinha. Os seis mais velhos partiram montados nas folhas de dendezeiro.

Oranian, o príncipe mais novo, muito curioso resolveu abrir o pacote preto para saber o que continha. Reparou numa substância preta desconhecida, sacudiu o pano e deixou que a substância caísse na água, ao invés de afundar formou um montinho. A galinha voou, posou em cima, começou a ciscar e a matéria preta foi se espalhando, espalhando, foi crescendo, tomando o lugar da água... e assim nasceu a terra, que mais tarde originou os continentes. (Petrovich & Machado; 2000:62)

Em “La Méthode”, Morin afirma: “a vida só pode ter nascido de uma mistura de acaso e necessidade...” e esse acaso e necessidade são metaforicamente apresentados nestas duas histórias nas quais podemos perceber a anti-matéria representada no Orum ou pelo saco preto do segundo conto, pelos seis príncipes que não ficaram na Terra, mas partiram em folhas de dendezeiro, possível alusão a outras galáxias e estrelas do Universo, entre outras imagens do imaginário negro.

A prepotência positivista, duma verdade única e somente européia, privou-nos de riquezas poéticas como nos contos acima referidos.

Os negros escravizados que chegaram ao Brasil trouxeram e conservaram, veladamente, sua cultura.

A reforma para uma educação ética de pensamento ecologizante, propostos por Morin atualmente, já faziam parte da cultura africana como podemos perceber nos fragmentos do conto “Os sonhos do tempo perdido”, no qual dá-se um diálogo entre Ramon, sacerdote-educador e Onansokum, griot (contador de histórias), um educador da cultura africana:

“Ramon, o egípcio – Onde estão os hieróglifos da língua falada pelo seu povo? Em que papiro ou pedra estão gravados os sinais? Onde está a escrita desse povo Yorubá?

Onansokum – No coração, Senhor emissário. Nossa escrita é guardada no coração como a própria vida. Os sinais são os objetos sagrados. Cada objeto tem uma lenda. Cada lenda tem história. Cada história é um mito com uma lição sagrada. E a trama da história fica presa na cabeça, orientando o caminho de cada pessoa.

Ramon, o Egípcio – A trama da história, você quer dizer que se prende no turbante como os árabes e os egípcios têm na cabeça?

Onansokum – A trama da história, o enredo, fica presa por dentro do Orí<sup>4</sup>. Os sinais entram pelos

<sup>3</sup> Orum é o reinos dos deuses nagô, morada de Olórun (Deus Supremo), Eboras e espíritos de diversas hierarquias.

<sup>3</sup> semente de dendezeiro.

<sup>4</sup> Orí, a cabeça no idioma ioruba.

olhos, pelos ouvidos e pelo corpo, porque tudo é alimento. Tudo na vida se transforma em gente. E, tudo no mundo se transforma em símbolo de vida. É por isso que temos nove caminhos para dentro do corpo. É pelos caminhos que os orixás continuaram a criação dos seres humanos e a criação do mundo.

Ramon, o Egípcio – Senhor ministro, queira compreender a minha curiosidade. Como mestre de iniciação no Cairo, devo aprender mais sobre o povo Yorubá para melhor defender a paz junto ao Faraó. O que é que quer dizer continuar a criar os seres humanos? Que trabalho é esse? Eles semeiam no corpo humano como os egípcios semeiam trigo às margens do Nilo?

Onansokum – Cria-se com o canto, com as palavras, com a respiração; cria-se com a dança, cria-se com os rituais e com os objetos sagrados. Tudo é feito de lendas e histórias. Toda a nossa tradição é a oficina de Deus. E é por estas histórias, que se modelam os seres humanos, à sua imagem e à sua semelhança.

Ramon, o Egípcio – Então as suas palavras querem dizer que tudo é sagrado? Divinos são o Rei, a vida e os costumes? No Egito, só o Faraó é sagrado, só o Faraó é Deus.

Onansokum – Aqui em nossa terra, tudo que existe nela, a vida e as pessoas, tudo é sagrado. Cantamos, dançamos, caçamos, trabalhamos e mostramos os nossos rituais como a própria vida. E a vida para nós é sagrada. Assim é, para que as nossas crianças aprendam a ser adultos melhores e, nosso povo jamais esqueça a lição: ‘VIVER, TRABALHAR E AGRADECER A OLODUMARÉ É UMA E A MESMA COISA, AXÉ, E PAZ’.”

(Petrovich & Machado; 2000:47)

A sabedoria africana sempre deu-se conta de que fazemos parte de um contexto planetário!

A aprendizagem cidadã, solidária e responsável supõe uma identidade nacional, fruto de um Estado-Nação completo e complexo, religioso, histórico, artístico, político, econômico e cultural.

“A comunidade de destino é tanto mais profunda quando selada por uma fraternidade mitológica”.

(Morin; 2001:67)

Os Ilês, Casas de Culto aos Orixá, durante muito tempo serviram como espaço agregador dos afro-descendentes preservando e transmitindo a identidade e seus valores ancestrais através dos contos, músicas, danças, ritos e dialetos africanos, enquanto espaço religioso do Candomblé, desagregado da escola formal.

Atualmente o Ilé Axé Opô Afonjá, antiga casa de Candomblé baiana localizada no bairro de São Gonçalo do Retiro, tem desenvolvido um trabalho de aprendizagem cidadã através de sua escola formal Eugênia Ana dos Santos<sup>5</sup>. Algumas Organizações Não Governamentais também

---

<sup>5</sup> A Escola Eugênia Ana dos Santos do Ilé Axé Opô Afonjá, desenvolveu sua metodologia fundamentada no Projeto “100 Anos de Sirê” - aprovado pela UNICEF em 1987. Pretende através do ensino (de 1ª a 4ª série), construído em sintonia com a realidade presente no interior de sua comunidade, unir as novas tendências pedagógicas ao pensamento tradicional da comunidade religiosa. Propõe uma filosofia pluricultural no aprendizado enfocada na ecologia.

OBJETIVOS GERAIS: Possibilitar às crianças e jovens desta comunidade, desenvolverem suas aptidões e potencialidades em profusão, com a pluriculturalidade do Espaço-Terreiro.

OBJETIVOS ESPECIFICOS: Fundamentar as linguagens artísticas da Música, Artes Cênicas, Plásticas, etc. Reconhecer suas características específicas na nossa cultura (dos descendentes lorubanos) em contraponto com as poéticas de outros povos. Proporcionar ao educando uma experimentação das atividades estudadas e sua reflexão. Possibilitar a normatização das etapas estudadas para desenvolver futuros estudos e pesquisas.

No processo ensino-aprendizado a integração com o meio ambiente e suas características de preservação e conservação, suas implicações na vida cotidiana das pessoas.

Aulas das disciplinas do núcleo comum, consideradas como laboratórios: Línguas (linguagem): Português e Iorubá; Matemática; História; Geografia; Ciências Biológicas; Ecologia; Atividades Artísticas (laboratórios específicos): Artes Cênicas, Música: (Coral Infantil), Artes Plásticas (Pintura, Modelagem), Reciclagem de lixo (oficina permanente de papel, trabalhando com o educando na confecção do papel e relacionando com a preservação da natureza, seu material didático), Construção de brinquedos (com o lixo, desencadeando na criança seu processo criativo em consonância com o meio ambiente e suas transformações, resgatando a lúdica infantil, encontrada nos brinquedos

tentam através da educação não formal, o terceiro setor, desenvolver aspectos da cidadania solidária.

E nossa escola formal?

É possível que enquanto a Escola mantiver uma visão descontextualizada e fechada para a diversidade étnica e cultural do País, entre outros problemas, estará muito distante da formação de uma identidade nacional, que emergirá da diversidade dos povos que aqui chegaram, pois não favorecerá uma cultura da humanidade – complexa e diversa - que forneça conhecimentos, valores e símbolos que possam orientar e guiar as vidas humanas.

A acumulação e quantificação de conhecimentos tornam o aprendizado prosaico, afastando e desvalorizando o sentir, o prazer, a criatividade e a curiosidade – qualidades tão humanas - como formas cognitivas.

A Arte e suas manifestações foram tratadas como objeto de consumo para os mais abastados ou relegada a um plano inferior nos séculos passados. Uma política educacional que valoriza a produção em massa e o desenvolvimento tecnológico, não cede espaço para a criação, os sentimentos e a cultura humanista.

As manifestações artísticas, pontos de fuga do prosaísmo através da catarse, exorcizam o tédio desumano do cotidiano e por outro lado funcionam como forma de aprendizado na e para a vida. Mais do que signos semióticos, metáforas de linguagem, tecnologia desenvolvida para o lazer, podem alicerçar a comunicação entre os seres através da obra de escritores e poetas, burilar o sentimento estético e tornar reconhecível a emoção, quando percebe-se “no outro” (personagem ou tela) nuances de nossas vidas subjetivas.

“A poesia... leva-nos à dimensão poética da existência humana. Revela que habitamos a Terra, não só prosaicamente – sujeitos à utilidade e à funcionalidade -, mas também poeticamente destinados ao deslumbramento, ao amor, ao êxtase... mistério, que está além do dizível”.

(Morin; 2001:45)

Na cultura afro-nagô o poético é expresso pela palavra Odara, aquilo que é bom, que possui **Axé** – força, energia vital. É este Axé contido nas danças, pinturas, orikis que religa e harmoniza os seres no Orún e no Aiê, a Natureza e os ancestrais.

Juana Elbein dos Santos e Deoscóredes M. dos Santos (Mestre Didi) afirmam:

“A linguagem das comunidades-terreiro nagô é um discurso sobre a experiência do sagrado. Nos cânticos e textos pronunciados vão se revelando todos os entes e acontecimentos passados e presentes, o conjunto inexprimível de teofanias evocadoras e restituidoras de princípios arcaicos. A experiência da linguagem é indizível na medida que só poderá ser apreendida por si próprio na relação interpessoal viva, incorporada em situações iniciáticas”.

(apud Luz; 2000:451)

O “mistério além do dizível” faz parte da aventura humana de abrir-se ao Cosmo: entender a Si mesmo e ao outro, lutar contra a tragédia da morte, compreender as forças da Natureza e suas manifestações. Para isso precisamos fazer um Bori: alimentar nossas cabeças... e Morin através de suas propostas nos oferece farto alimento!

Adukpé ô Baba Morin!

---

confeccionados por ela própria); Laboratórios naturais: horta, criatório de animais (local de observação do ciclo de vida dos animais mamíferos, ovíparos, de carapaça, etc.); Museu Ohun Lailai (local onde é preservado os 84 anos da História da Comunidade do Ilé Axé Opô Afonjá, que as crianças visitam); Sala de leitura (Biblioteca)





## Capítulo 3:

---

### COMUNICAÇÃO E ARTE NA CULTURA AFRICANO – BRASILEIRA

“Esse destino comum, memorizado, transmitido de geração a geração,  
pela família, por cânticos, músicas, danças, poesias (...)  
onde são ressuscitados os sofrimentos, as mortes, as vitórias,  
as glórias da história nacional, os martírios e proezas de seus heróis.  
Assim, a própria identificação com o passado  
torna presente a comunidade de destino.”  
(Morin; 2001:67)

A cultura africano-brasileira é um todo complexo no qual religião, arte, estrutura social e econômica criam interstícios impossíveis de serem estudados de uma forma em separado.

Não é nosso objetivo traçarmos um histórico do processo político e econômico que culminou no comércio escravagista - que desde o séc. XV escravizou africanos nas plantações em Algarve (Portugal), minas na Espanha, e trabalho doméstico na França e Inglaterra, tampouco nas insurgências negras que se processaram no Brasil, como a Revolta dos malês em 1835, ou o próprio processo de rebelião contra a coroa portuguesa em 1821, no qual negros e brancos tomaram parte, apesar de tais assuntos serem de extrema relevância para entendermos todo o processo de resgate da cultura negro brasileira. Porém pincelaremos alguns tópicos sobre o desenrolar da construção da identidade e conseqüentemente da cultura africana que aqui aflorou.

Desde o aportamento dos negros africanos no Brasil, que antes de embarcarmos para seu lugar de destino, eram batizados pelos padres católicos e marcados a ferro quente como forma de distingui-los dos negros profanos, poderíamos dizer que foi o sentimento Banzo<sup>1</sup> que uniu as diversas etnias africanas e foi esse mesmo sentimento que gerou o candomblé, uma religião de características africano-brasileiras, como nos afirma em palestra Júlio Braga:

“... é uma religião tipicamente brasileira, porque, na África, o culto dos orixás é diferente. Cada cidade é protegida por um orixá em particular, enquanto que, nas casas de candomblé baiano, são cultuados todos os orixás, como se uma pequena África tivesse sido reconstruída.”

(apud Susanna Barbara; 1995:42)

Os orixás e seu culto vieram com os africanos, porém o ambiente propício para sua implantação no Brasil teve de ser modificado às condições das diferentes nações que tiveram de conviver juntas, além das condições geográficas, históricas e sociais da época. Seu culto era escondido e ou sincretizado nos Santos católicos.

“A devoção se dirigia inicialmente aos ancestrais africanos representados por N.S. do Rosário, S. Benedito, Santa Efigênia, N. Sra. de Aparecida, etc., assim como as almas santas, espíritos ancestrais. Esse culto era uma conseqüência da expansão da religião africana que paralelamente se processava durante a noite, quando concedidos pelo senhor, ou em espaços criados clandestinamente.”

(Luz; 2000:348)

As confrarias religiosas negras, sob uma aparência católica apostólica romana, foram surgindo como uma forma de reconstruir a identidade negro africana dentro de um contexto social ainda escravagista, ampliando os espaços comunitários fundamentais a uma coalização sócio-econômica e cultural negra.

“Em meio aos espaços sociais instituídos pelas Irmandades Religiosas, se reestruturaram relações sociais emanadas dos centros de irradiação dos valores negros, isto é, as instituições da religião tradicional africana.”

(Luz; 2000:387)

A irmandade de Nossa Senhora do Rosário funcionava desde 1604, porém só conseguiu construir sua igreja, ainda hoje no Pelourinho às Portas do Carmo, em 1703 ou 1704.

A Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte reuniu as maiores sacerdotisas do culto nagô encabeçadas por Mãe Nassô e fundaram a primeira casa de culto dos orixás no Brasil, o Ilé Ase Airá Intilé.

“É importante observarmos que, no fim do século XVIII, nos arredores de Salvador, já existem ilê axé, casas de culto aos orixás. E kerebetan, casa de culto aos vodun.”

(Luz; 2000:390)

Após o aparecimento das casas de culto aos orixás, surgem as sociedades secretas, tais como Egungun, Geledé e Ogboni das quais nos adentraremos mais adiante, haja vista tais

---

<sup>1</sup> Sentimento de pesar e saudade da terra natal, por vezes pode também expressar a idéia de revolta pela condição de escravo.

sociedades bem como a referida Irmandade da Boa Morte possuem íntima ligação com nosso objeto de estudo.

O importante é percebermos que os processos cognitivos, artísticos e comunicacionais, bem como seu desenvolvimento e a expansão da cultura africano-brasileira só pôde acontecer pela fé religiosa que sempre permeou a cultura negra. É no candomblé que os valores africanos são vivenciados aos resgatarmos as origens divinas dos homens e dos ancestrais - fundadores das cidades na África, é através do transe do iniciado que os deuses se manifestam através da dança, música, canto, paramentos e vestimentas, nos quais cada signo remete a uma qualidade ou estória ancestral num processo de semiose quase infinito.

### 3.1 TRANSMISSÃO ORAL E APRENDIZADO

“...a importância da linguagem está em seus poderes,  
e não em suas leis fundamentais.”  
(Morin; 2001:43)

O sistema religioso iorubano é passado de geração a geração de forma oral, pois acreditam os babalaôs, babalorixás e ialorixás, supremos sacerdotes e sacerdotisas dos cultos africano-brasileiros que a PALAVRA contém o poder e a força de criar algo e só através de seu pronunciamento quase cantado é possível expressar a idéia e a força que as mesmas representam.

“A transmissão oral é uma técnica a serviço de um sistema dinâmico.”  
(Elbein; 1998:47)

A palavra sempre vêm acompanhada de expressões faciais, entonações e gestos gerando um sistema dinâmico que deve ser realizado constantemente, pois cada palavra é única, ao terminar de ser proferida desaparece dentro daquele contexto e sua próxima repetição poderá estar preenchida de outras situações religiosas ou não. É através da palavra que se processa a comunicação entre as gerações:

“... comunica de boca a orelha a experiência de uma geração à outra,  
transmite o âse concentrado dos antepassados a gerações do presente.”  
(Elbein; 1998:47)

Notamos que a PALAVRA PRONUNCIADA esta ligada a dois conceitos: Axé e Emi.

O conceito de axé é muito amplo e no presente ensaio não pretendemos adentrar em tal conceito, mas de uma forma bem superficial poderíamos afirmar que o axé é a força, o poder gerador e criador que permeia tudo o que foi criado por Olorum, possui íntima ligação com o sangue de nossos antepassados, com o sangue que circula em nossos vasos sanguíneos, órgãos internos, bem como no dos animais.

“Axé, como alguém disse uma vez, é tudo que você quiser chamar de axé.  
Parece brincadeira, mas não é. Axé é uma expressão que perdeu no Brasil a relação direta com seu sentido etimológico para, ampliado, significar tudo que você possa perceber no contexto sagrado como força. Axé é uma força mágica, um universo absolutamente metafísico, força que emana da sua capacidade de poder real. Você tem um poder de mando que é fruto de uma circunstância social que, na leitura do candomblé, também é axé. Quer dizer, a expressão ganha um horizonte semântico sem fronteiras.  
Tudo que representa força, poder, emanção do sagrado você, pode chamar de axé.”  
(Braga; 2000;154)

O Emi é o sopro, a respiração, o ar que inspiramos e expelimos durante nossa vida e que esta ligado a massa de ar genérica que a todos envolve, é o Emi que dá passagem para força do

axé expresso de viva voz, daí o poder da VERBALIZAÇÃO da palavra para o aprendizado e continuidade da cultura africano-brasileira.

Os Babalaôs, sacerdotes de Orunmilá, possuem um sistema de adivinhação chamado Ifá<sup>2</sup> – destino, composto por 256 odús ou signos que contêm Itans, histórias ou contos milenares.

Os odús e seus itans contam-nos sobre a história da criação do mundo e dos Orixás – divindades que simbolizam as forças da natureza, quando da separação do mundo em Orum (mundo celeste) e Aiê (mundo material).

Nosso informante principal Babalaô Ifá-Toso Fáiyomi<sup>3</sup> Fábio Escada explicou-nos que o culto de Ifá não depende de Orixá, o contrário dá-se no Candomblé que necessita do conhecimento do odú da pessoa – através do jogo de búzios<sup>4</sup>, para saber qual o orixá que rege a “cabeça” dela e quais os procedimentos para iniciar tal pessoa no culto e agradar a divindade que coroa a cabeça do fiel.

“Cada cabeça tem, assim, o seu odu, que Ihe revelará seu destino e o que deve ser feito para melhorá-lo”.

(Luz; 2000:47)

No culto a Ifá o iniciado passa por um longo período de aprendizado e socialização entre os outros sacerdotes, devendo memorizar os 256 odús, a prática dos ebós (sacrifícios ou oferendas), adurá (rezas) e a utilização das folhas enquanto fator medicinal. Este aprendizado tem a duração aproximada de vinte anos, porém antes de chegar ao seu grau máximo o iniciado receberia o grau de Owó Áwo, a mão de Ifá ou mão de búzios,

“... era a coroação de anos de esforços e estudos intensos, sendo sancionada em ritual próprio que promovia a união do mundo natural e do sobrenatural, juntamente com a intuição psíquica introduzida em transe mediúnico leve, que passava a abrir canais diretos de percepção do Bábáláwo para a presença do àsé de Òrúnmilà, Èsú Bara, Orì e seu Olorì; já que o sacerdote jamais entraria em transe possessivo, sendo isso, na verdade, a grande diferença entre o verdadeiro Bábáláwo e o Bábàlòrìsà.”

(Escada & Filho; 2001:72)

podendo depois continuar seu aprendizado para adquirir os títulos de Bábá Elegán, Bábá Olosù e Bábá Olodù quando o babalaô poderá ou não ostentar o título de Ifá-Toso e Àwoni.

No candomblé o iniciado pode tornar-se um filho ou filha de santo após longo período de preparação, segundo as palavras de Verger:

“a iniciação consiste em suscitar, ou melhor, em ressuscitar no noviço, em certas circunstâncias, aspectos da personalidade escondida; aqueles correspondentes à personalidade do ancestral divinizado, presente nele em estado latente, inibidos e alienados pelas circunstâncias da existência levada por ele até essa data.”

(aput Susanna Bárbara; 1995:48)

A primeira fase da iniciação consiste no borí, alimentar a cabeça, pois é o Orí (a cabeça) que guarda o destino da pessoa, nada se faz para orixá sem tratar antes da cabeça do iniciado. Depois é necessário fazer o assentamento do Santo, ou seja, é preciso colocar no chão, no plano material a energia simbólica contida no orixá do iniciado. Na terceira fase a ialorixá prevê se o abiã deve ou não ser raspado, a partir daí começa a iniciação propriamente dita, o abiã deve ficar recluso por dezessete dias para, através de beberagens e rituais secretos, entrar em contato com a energia do orixá que será fixada tal qual uma coroa em sua cabeça, tornando-se adoxu ou iaô (mulher de orixá). Concluída a terceira fase, o iniciado deve fazer suas obrigações de três e sete anos para alcançar a condição de ebômi. Durante esse período os cantos, toques, danças, rezas e uso das plantas de forma ritual ou medicinal são aprendidos.

<sup>2</sup> Estudados no ocidente primeiramente por Maupoil e editados sob o título La géomancie à l'ancienne Côté de Esclaves, Paris em 1943.

<sup>3</sup> Alegria de Ifá.

<sup>4</sup> O sistema oracular dos búzios usado no Candomblé contêm os dezesseis odús principais do oráculo de Ifá.

Hall sugere que tal aprendizagem acontece em unidades globais, que se inserem em um contexto de situações e podem ser memorizadas como conjuntos. (Susanna Bárbara; 1995:52)

O fato é que o aprendizado no candomblé dá-se de forma não sistemática, porém através da observação, participação e vivência dos ritos de passagem e das cerimônias e festas existentes no ilê.

“Através da iniciação e de sua experiência no seio da comunidade, os integrantes vivem e absorvem os princípios do sistema. A atividade ritual engendra uma série de outras atividades: música, dança, canto e recitação, arte e artesanato, cozinha etc., que integram o sistema de valores, a gestalt e a cosmovisão africana do ‘terreiro’.”

(Elbein; 1998:38)

### 3.2 DANÇA, RESGATE CULTURAL E APRENDIZADO

“Lá vem a força, lá vem a magia  
Que me incendeia o corpo de alegria  
Lá vem a santa maldita euforia  
Que me alucina, me sacode, e rodopia.”  
(Milton Nascimento – Fernando Brandt)

A dança africana é uma forma de expressão artística muito complexa, inserida num contexto dentro da sociedade africana e afro-descendente mundial. Sua força, beleza e vigor podem ser sentidos tanto no sapateado Muchongoyo de Zimbabwe, nas danças de máscaras Geledé na Nigéria, no samba e capoeira do Brasil, na rumba Cubana, nas danças dos saltitantes Zulus. A magia que une essas danças de lugares e povos tão diferentes pode ser chamada de um instinto de comunhão que une a raça negra espalhada pelo planeta, através de um vínculo ancestral por memória, epopéia e tradição oral.

No Brasil coube ao Candomblé, preservar a maior parte das danças sagradas africanas. No culto religioso a dança possui um papel fundamental, pois é ela que RELIGA o homem ao SEU LADO DIVINO, é a dança que leva a uma compreensão e comunhão com a Natureza, a Vida.

Existem duas correntes básicas que tentam explicar o aparecimento dos Orixás. Uma delas remonta a criação do Universo, a outra narra que os Orixás foram seres importantes, donos de grande poder em vida, que morreram de maneira incomum, tomando o caráter de um dos elementos da natureza. O Orixá Xangô foi Rei de Oyó, o Orixá Oxóssi, rei de Ketu.

Nas danças os Orixás mostram seu poder e suas estórias através dos movimentos:

- Xangô, deus do fogo e da justiça, pode dançar com seu oxê, um machado de dupla ponta fazendo justiça na terra ou com o fogo que gera a vida;
- Os braços de Oxóssi, deus da caça, assemelham-se a flechas e suas pernas parecem cavalgar enquanto caça o alimento para a subsistência de seu povo;
- Oya-lansã, deusa dos ventos e da magia, espalha os ventos com seus braços e saia, numa dança guerreira e sensual;
- Oxum, deusa da beleza do ouro e das águas doces, banha-se nas águas dos rios enquanto penteia-se balançando suas pulseiras e olhando-se no espelho;
- Iemanjá, deusa-mãe dos Orixás, a senhora do mar, segura seus filhos queridos nos braços;
- Nanã dança com o Ibiri carregando-o como se ninasse um bebê;
- Ogum, deus da guerra, da forja, segura suas duas espadas guerreiras em suas mãos: com a primeira mata seus inimigos, com a segunda limpa o sangue da primeira; etc.

A dança negra reverencia as origens através da repetição dos gestos ancestrais que foram passados de pai para filho, mantendo viva a ligação com os antepassados que praticaram os mesmos gestos.

A dança africana possui sete dimensões estéticas que podem ser percebidas inclusive em técnicas modernas que se inspiraram na dança tradicional:

- POLIRRITMIA – mostra que cada parte do corpo movimenta-se com um ritmo e com uma forma diferente, proporcionando o conhecimento do ritmo próprio e variante de cada aspecto da natureza.
- POLICENTRISMO – indica que há vários centros no corpo humano que dão impulso à dança, assim como no Universo existem vários centros energéticos.
- CURVILINEARIDADE – encontrada em várias danças e em vários movimentos, uma vez que ao círculo é conferido o poder sobrenatural, criando a estabilidade fora do tempo.
- DIMENSIONALIDADE – é entendida como a possibilidade de exprimir as várias camadas dos sentidos: olhar, ouvir que seria o lado externo dos movimentos ligados com uma outra dimensão mais interna e espiritual, sintetizada pela parte central do corpo.
- REPETIÇÃO – como forma de intensificar e provocar o caráter de atemporalidade, quando o gesto permanece o mesmo apesar do passar dos anos, e de continuação destes gestos no futuro.
- ASPECTO HOLÍSTICO – na dança os movimentos, as partes do corpo utilizadas, as roupas vestidas, a música, cada elemento têm um sentido próprio, porém juntos simbolizam algo outro. Uma dança realizada para uma simples diversão também pode remeter a outra coisa, numa corrente simbólica infinita.
- MEMÓRIA ÉPICA – é a história da tradição e da antiga harmonia da natureza, da época na qual não existiam diferenças, nem separações. Memória que têm que ser lembrada e fortalecida. (Asante; 1996:71)

A dança tradicional africana gerou técnicas precisas de aprendizado na dança como a técnica de Katherine Dunham - baseada no folclore haitiano, Mundalai, o Jazz Norte-Americano e o Street Dance.

No Brasil, a dança negra não está mais vinculada apenas ao Candomblé. A capoeira, samba, axé, os blocos de afoxé e carnavalescos bebem nas águas da dança tradicional e religiosa africana.

A Profa. Dra. Inaicira Falcão da UNICAMP e coreógrafos como Pederneiras do Grupo Corpo em Benguelê, Firmino Pitanga com a Cia. Batá Kotô e Álvaro Juvenal com o grupo Okum têm pesquisado e anexado a dança tradicional negra aspectos da dança contemporânea, visando uma estética da dança brasileira e ao nosso ver têm obtido bons resultados.

A dança no candomblé é um dos caminhos que reintegra a energia cósmica do devoto ao seu Orixá de origem, portanto ao Orum, morada dos deuses que um dia de lá partiram para criar o nosso mundo, o Aiê.

## Capítulo 4:

---

### COSMOGONIA IORUBANA: A CRIAÇÃO DO AIÊ

Para os religiosos dos cultos africanos e afro-brasileiros a representação mais perfeita do Universo é a Cabaça, tendo sua parte superior ligação com o Mundo Abstrato e sua parte inferior com o mundo concreto como nos afirma o itan Igba-nda Aiyé, revelado no odú Òtúrúpòn-Òwórin e reinterpretado no texto Igbadu, a Cabaça da Existência escrito por Awofá Ogbebara:

#### 4.1 ESÉ NTAYÉ ODUDUA

Em tempos imemoriais todos os Orixás viviam com Olorum no Orum. Nesse plano perfeito nada faltava a eles, possuíam todo o conforto, iguarias e riquezas que qualquer um jamais supôs existir, porém havia um grande ócio no Mundo Diáfano.

O Grande Senhor do Universo para terminar com tal vagar resolveu criar um novo mundo onde criaturas seriam réplicas dos Deuses e para levar ao fim sua idéia precisaria da ajuda de seus filhos.

Reuniu todos os Orixás Funfun contou-lhes seu plano e outorgou a cada um deles uma parte nessa missão.

Seu primogênito foi encarregado de levar o apo-iwa, o saco da existência, até o Orun-Oun-Aié lugar onde o Orum encontra-se com o grande vazio do infinito para lá criar o Aiê, porém Obatalá foi avisado pela pai que não poderia consumir nenhum tipo de bebida fermentada durante o aquela missão. Para Odù, sua filha, foi dito que nada precisaria fazer que apenas acompanhasse seu irmão e se submetesse as suas ordens, que se precisasse de alguma ajuda que a pedisse a Elegbará<sup>1</sup>.

Terminada a reunião Obatalá dirigiu-se à casa de Orunmilá – O Senhor do Destino – para saber do Poderoso Orixá o quão auspiciosa seria sua missão. O Babalaô disse-lhe que seria necessário fazer um sacrifício a Exú. Inconformado com o que ouvira o Orgulhoso Orixá Branco recusou-se a fazer tal sacrifício e partiu com outros Orixás Funfun para criar o Aiê.

---

<sup>1</sup> Elegbara é um dos muitos nomes ou qualidades de Exú.



A distância para chegar ao Vazio a ser preenchido era longo e no caminho os Orixás conheceram o calor, o desconforto, as dificuldades, a sede - porque as provisões de água foram secando - e alguns desistiram de acompanhar o velho Oxalá e voltaram para o conforto do Orum.

Nesse momento Elegbará resolveu agir e testar o Grande Funfun, através de seus poderes mágicos adiantou-se ao Orixá e de uma de suas inúmeras cabacinhas retirou um pó mágico e colocou no caminho de Oxalufã uma Palmeira Igui Opé.

Vendo a palmeira Obatalá correu até ela, porém não encontrou água para saciar sua sede e num ato de insensatez cravou seu opaxorô<sup>2</sup> no tronco da palmeira colhendo com uma cabaça o sumo que dela escorria saciando a sede que o acometia. O sumo da palmeira possui um teor altamente alcoólico e o Orixá Funfun adormeceu embriagado. Os Orixás de tudo tentaram para acordar o Primogênito, porém ele dormia profundamente e cansados voltaram ao Orum. Exú vendo Oxalá sozinho e desacordado pegou o apo-iwa e voltou satisfeito e vingado ao Orum.

Odudua aborrecida com seu irmão correu a seu Pai para contar sobre o fracasso do primogênito. Elegbara chegando em seguida confirma o caso - desde o ebó que o Funfun não ofertou até o desmaio - e devolve ao Pai o saco da existência.

O Senhor de Toda a Criação entregou então a Odù a missão de criar o Aiê. Ela pediu para Exú acompanhá-la nessa aventura.

Como reza a tradição a filha de Olorum foi visitar Orunmilá para saber quais sacrifícios deveriam ser feitos para que concretiza-se seu fardo. O Senhor dos Destinos após jogar o Opelé diz a Princesa que sua missão seria bem sucedida, porém o trajeto de Odù seria idêntico a morte, pois o mundo a ser criado seria composto por matéria perecível, e que um dia esse mundo seria habitado por criaturas feitas a imagem dos Orixás. O incorruptível e fiel Orixá Iku iria devolver à terra toda Criatura existente para que assim pudesse voltar a Olodumaré.

O reinado de Odù sobre o Aiê seria regido pelo segundo odú: Oyeku Meji, caminho ligado a matéria saturada que só poderá voltar a um estado sùtil através da morte. Para o sucesso de sua missão a Princesa doravante deveria usar apenas roupas pretas, deveria ofertar a Elegbara cinco galinhas de angola, cinco pombos, um camaleão, uma corrente com dois mil elos e para Olorum duzentos caracóis Igbín.

Odù entregou a Exú as oferendas e ele devolveu uma galinha, um pombo, o camaleão e a corrente com um elo a menos para ela dizendo-lhe que deveria soltar os animais no meio do caminho e que não esquecesse de levar a corrente consigo. Depois de banhada com ervas ela dirigiu-se ao Pai para entregar-lhe os duzentos igbíns.

Olorum recebendo o presente guardou-o no apéré-odu e apercebeu-se de uma cabacinha contendo terra no apo-iwa, entregou-a a sua Filha junto com um caracol Igbín. Despediram-se e Odù foi encontrar-se com os Orixás e Eboras que a esperavam para começar a caminhada.

Ogum foi abrindo o caminho e os Orixás chegaram ao Vazio Absoluto. Odù soltou a pomba que espalhou o pó branco da primeira cabaça que estava no Apo-iwa e os ventos foram criados, a Mãe de Vestes Negras chamou Oiá e a ela concedeu o comando dos ventos. Da segunda cabacinha Iyatémi tirou um pó azul que jogou para baixo e que ao cair foi se transformando no caramujo Igbín que ia vertendo água até chegar as profundezas daquele abismo, Iemanjá e Oxum foram chamadas para cuidar das águas do mundo que estava sendo criado. A terceira cabaça continha um pó preto que a galinha de Angola começou a ciscar espalhando terra por sobre os oceanos, a Nanã, a mais idosa dentre os Orixás, foi outorgada a lama. O pó da cabaça vermelha metamorfoseou-se no camaleão que soprava fogo sobre tudo o que estava criado, a Princesa deu a Iná, Aganju e Xangô o poder sobre o fogo. Odù pegou a última cabaça que Olorum lhe entregou e amarrando a corrente de mil novecentos e noventa e nove elos na borda do abismo desceu para o

---

<sup>2</sup> Um cajado feito de metal que mede aproximadamente 120 cm de altura. "É uma barra com um pássaro na extremidade superior, com discos metálicos inseridos horizontalmente em diferentes alturas, dos quais pedem pequenos objetos, sininhos redondos, sinos em forma de funil e moedas." (Elbein; 1998:77)

desconhecido que acabara de ser concebido. Ao tocar o solo imprimiu ao mundo sua marca de Esé Ntayé Odudua, soprou o pó da última cabaça e a terra foi espalhada pelos animais... estava criado o Aiê.

## **4.2 A CRIAÇÃO DOS ARA-AIYÉ: O SOPRO DE ORIXALÁ.**

Obatalá despertando sozinho de seu sono percebeu-se sem o saco da existência, arrependido, logrado e envergonhado voltou ao Orum para desculpar-se com seu Pai. Orolum perdoou o filho e concedeu-lhe a qualidade de Alabaxé, o Senhor que possui a poder da realização, para que possa insuflar o sopro da divindade no homem.

Explica-lhe o Mais Antigo dos Antigos que a criação no Aiê ainda não estava completa, faltava criar um ser imagem e semelhança dos Orixás. Tal criatura deveria ter um corpo divinizado, que seria criado por Baba Ajalá – o artesão divino - e um corpo material modelado com lama de Odù. O homem possuiria então um corpo físico proveniente da matéria da qual cada Orixá detinha o poder e um corpo sutil que retornaria ao Orum após a morte no Aiê.

Obatalá junto as criaturas modeladas por Ajalá rumaram para a Terra.

Odudua soube através de Exú que seu irmão estava rumando para o Aiê junto a criaturas diferentes e enviou Exú como seu embaixador para saber as intenções de Oxalá. Em seguida foi consultar Orunmilá e sob sua orientação foi instruída a encontrar seu irmão sozinho e levar consigo a grande cabaça na qual guardara as pequenas cabacinhas do dia da criação do Aiê, deveria convencer o Primogênito a cultivar a cabaça e fazer um sacrifício de quatrocentos igbins.

A Mãe de Vestes Negras e o Senhor de Brancas Vestes encontraram-se e depois de muitas discussões chegaram ao tal acordo, então Odù pegou a grande cabaça e juntou suas duas partes. A parte de cima foi pintada de branco, representando a origem divina da criação e a debaixo foi pintada de preto, representando o mundo material. A grande cabaça recebeu o nome de Igbadú e dentro dela estão reunidos todos os segredos pertinentes a criação do Universo. Obatalá tomou Odù como esposa e assim o destino da criação do homem foi selado.

A lama para a confecção do corpo material do homem foi tirada por Ikú, que desde então ficou encarregado de devolver o homem a terra de onde veio, não podendo o Orixá jamais fixar-se em algum lugar do planeta. A Olugama foi dada a tarefa de modelar o corpo humano com material idêntico aos corpos confeccionados por Ajalá no Orum. Depois de tudo pronto Oxalá soprou o EMI sobre eles e transformaram-se em Ara-aiyé, homens e mulheres que povoaram a terra e procriaram... seguiu-se um longo tempo de paz.

Obatalá e seu séquito estabeleceram-se num lugar chamado Idítaa, construindo ali uma grande cidade cercada por muralhas. Odù fundou Ilé Ifé, a Terra do Amor (Nigéria).

## **4.3 DIVERGÊNCIAS**

Outra interpretação do itan Igba-Nda Aiyé versa que Odù saiu do Orum depois de Orixalá devido os sacrifícios indicados pelos Babalaôs. Terminados os ebós a Princesa partiu ao encontro de seu irmão e o encontrou desmaiado, pegou o apo-iwa e voltou ao Orum para entregá-lo a Orolum, este devolveu-lhe o saco e outorgou-lhe a missão de criar o Aiê. Nesta versão Orunmilá

têm o papel fundamental de mediador, equilibrando e apascentando as divergências entre os irmãos para que o Universo possa continuar a existir. (Elbein; 1998:60)

Uma versão da Gênese africana<sup>3</sup> narra que Olorum - um aglomerado de ar – ao iniciar seu manso movimento converteu-se em água e gerou Orixalá. Da conjugação do ar e da água originou-se a lama, Odudua. A lama gerou uma bolha que recebeu o sopro de Oxalá transformando-se na primeira forma individualizada, o primeiro nascido na existência: Exú Yangi.

Uma versão recolhida por Prandi (2001:380) concede a Iemanjá o papel de genitora ancestral:

“Olodumare-Olofim vivia só no Infinito,  
cercado apenas de fogo, chamas e vapores,  
onde quase nem podia caminhar.  
Cansado desse seu universo tenebroso,  
cansado de não ter com quem falar,  
cansado de não ter com quem brigar,  
decidiu pôr fim àquela situação.  
Libertou as suas forças e a violência  
delas fez jorrar uma tormenta de águas.  
As águas debateram-se com rochas que nasciam  
e abriram no chão profundas e grandes cavidades.  
A água encheu as fendas ocas,  
fazendo-se mares e oceanos,  
em cujas profundezas Olocum foi habitar.  
Do que sobrou da inundação se fez a terra.  
Na superfície do mar, junto à terra,  
ali tomou seu reino Iemanjá,  
com suas algas e estrelas-do-mar,  
peixes, corais, conchas, madrepérolas.  
Ali nasceu Iemanjá em prata e azul,  
coroada pelo arco-íris Oxumarê.  
Olodumare e Iemanjá, a mãe dos orixás,  
dominaram o fogo no fundo da Terra  
e o entregaram ao poder de Aganju, o mestre dos vulcões,  
por onde ainda respira o fogo aprisionado.  
O fogo que se consumia na superfície do mundo eles apagaram  
e com suas cinzas Orixá Ocô fertilizou os campos,  
propiciando o nascimento de ervas, frutos,  
árvores, bosques, florestas,  
que se foram dados aos cuidados de Ossaim.  
Nos lugares onde as cinzas foram escassas,  
nasceram os pântanos e nos pântanos, a peste,  
que foi doada pela mãe dos orixás ao filho Omulu.  
Iemanjá encantou-se com a Terra  
e a enfeitou com rios, cascatas e lagoas.  
Assim surgiu Oxum, dona das águas doces.  
Quando tudo estava feito  
e cada natureza se encontrava na posse de um dos filhos de Iemanjá,  
Obatalá, respondendo diretamente às ordens de Olorum,  
criou o ser humano.  
E o ser humano povoou a Terra.  
E os orixás pelos humanos foram celebrados.”

#### 4.4 CONSIDERAÇÕES METAFÍSICAS.

<sup>3</sup> Recitada e traduzida por David Agboola Adenjii para Juana Elbein (1998:59).

O Mundo Abstrato ou Orum, muitas vezes confundido com o conceito de Céu (Católico Apostólico Romano) – é um mundo não material e diáfano subdividido em nove espaços sutis que envolvem o Aiê (Ayié), mundo concreto. Tudo o que existe no Aiê possui réplica no Orum e, este duplo existiu, existe ou existirá num dos Nove Espaços do Orum, lá residem todas as entidades sobrenaturais do panteão afro-religioso. (Escada & Filho; 2001:18)

Olorum, Senhor Supremo de toda a Criação, Oba Òrun<sup>4</sup> está sentado sobre um àpéré, uma almofada - no qual tudo o que constitui e representa o Universo – o iwá, àsé e àbá<sup>6</sup> - está contido.

Olorum emanou Obatalá – seu primogênito, Odù, Exú, Orunmilá e todos os outros Orixás. Obatalá representa o Princípio Masculino e Ativo da Criação, Odù seu contrário: Princípio Feminino, Passivo da Criação e Exú o Princípio Neutro, o filho.

São considerados junto a outras divindades emanadas por Olorum de Orixás Funfun ou Orixás que usam Branco, lembremos que o branco é a cor usada para o luto entre os africanos, é o branco que sintetiza o princípio do retorno ao orun, paz e a harmonia do Mundos Divinizados.

“O branco é a cor da morte e, assim, dos iniciados os quais têm ainda de nascer.”

(Susanna Barbara; 1995:51)

O branco representa uns dos aspectos do axé da criação masculino-feminino que possui na água de caracol uma de suas maiores representações: gozo masculino e feminino no momento do orgasmo, o grifo é nosso. Os Orixás Funfun são os progenitores ancestrais masculinos, os quatrocentos Irunmalês da Direita.

Os Irunmalês são Orixás e entidades mitificadas que datam da criação do universo, “Igbà iwà sé, nos tempos que em que a existência se originou”, segundo Elbein. (Elbein, 1998:74). Seus axé foram transferidos pelo próprio Olorum.

De Olorum também foram emanados os duzentos Irunmalês da esquerda, os Eboras<sup>7</sup> e os ancestrais humanos que são cultuados – em culto à parte do Candomblé - como Eguns ou Egunguns, considerados os antepassados míticos africanos. Os Eboras representam o poder gerador feminino e seus filhos liderados por Odù, então considerada simbolicamente como a parte inferior de Igbadu.

A cabaça da existência Igbadu aos nossos olhos remetem dentre muitas representações o ventre feminino fecundado e gerador de vida, no qual a parte de cima que possui a ligação com o Orum é análoga ao cordão umbilical e a parte de baixo, o Aiyé com o útero. Johnson citado em Elbein exclama:

“O igbadú é uma cabaça coberta contendo quatro pequenos recipientes feitos da casca de noz do coco cortada ao meio e que contêm, além de algo desconhecido para o não-iniciado, um pouco de lama num, um pouco de carvão noutro, um pouco de giz noutro e ainda num outro um pouco de pó vermelho da árvore African Rosewood – cada um deles destinado a representar certos atributos divinos e que, com recipientes que os contêm, representam os quatro Odù principais – Eji Ogbè, Òyèkún Meji, Ibara Meji e Edi Meji”.

(Elbein, 1998:66)

Não caberia no presente ensaio aprofundarmos nos referidos Odús, haja vista existir ampla bibliografia sobre o tema, porém faz-se mister citá-los e dar uma breve explanação sobre os mesmos no oráculo de Ifá e os Orixás que compreendem parte do poder desses odús.

---

<sup>4</sup> Rei do Orum.

<sup>6</sup> São as três forças que possibilitam e regulam toda a existência no Orun e no Ayié.

IWÁ = poder que permite a existência genérica (àpò-iwà) é veiculado pelo ar e pela respiração;

ÀSE = poder que permite a realização genérica, veiculada pelo sangue (branco, vermelho ou preto);

ÀBÁ = poder da intenção que veicula o àse. (Elbein; 1998: 72)

<sup>7</sup> O termo Eboras não é usado constantemente no Brasil, considerando-se todos Irunmalês como Orixás e distinguindo-os como Irunmalês da direita ou esquerda.

Ejígbe é o primeiro odú do oráculo de Ifá e o oitavo no jogos de búzios, quer dizer “o primogênito” possui relação com os Orixás Oxaguiã, todos os Jagum, Oiá, Odé e Oxum.

Oyèkúmeji é o segundo odú no oráculo de Ifá ,quer dizer “duas vezes fazendeiro ou duas vezes na cidade de Oko” está intimamente ligado aos Ibeji, Ogum e Olocum.

Iworimeji é o terceiro odú de Ifá e também o terceiro no jogo de búzios, relacionado ao aparecimento de Ogum.

Odímeiji, o quarto odú do oráculo de Ifá e o sétimo no jogo de búzios: “o avesso, o contrário” é respondido por Exú, os Abicu, Omulu, Oxum Apará e Oxalufã. (Escada & Filho, 2001:98)

A Cabaça da Existência contém os mesmo três princípios contidos no àpèré de Olorum, Iwá, Àse, Àbá que correspondem aos três tipos de sangue<sup>8</sup> usados nas cerimônias africano-brasileiras religiosas mais um quarto elemento, a lama ou Exú: a primeira forma de existência individualizada.

## Capítulo 5:

---

### **GRANDES MÃES OU FEITICEIRAS? Divindades femininas do panteão iorubano: as Iyami.**

---

<sup>8</sup> Os portadores do Axé são: o sangue branco, vermelho e preto encontrados nos reinos mineral, vegetal e animal. O sangue branco compreende as secreções, seiva de plantas, prata, sais minerais, etc. O sangue vermelho equivale ao sangue humano ou animal, azeite de dendê, mel, o cobre, etc. O sangue preto as cinzas, sumo escuro de vegetais, carvão, etc.

A palavra Iyami é iorubana e traduzida significa Minha Mãe, portanto reporta-se aos Irunmalês da Esquerda ou Eboras, genitoras de toda a raça humana, nossas mães ancestrais.

Através dos mitos recolhidos percebemos as várias faces das divindades femininas individualizadas. Notamos que algumas dessas estórias são muito antigas, possivelmente do período neolítico, anteriores a descoberta do papel masculino na procriação, haja vista muitas deusas terem concebidos seus filhos através de ebós (sacrifícios ou oferendas) ou simplesmente serem filhos só da mãe com uma entidade sobrenatural, normalmente Obatalá.

O antropólogo Jacques Dupuis (1989:12) ao comparar várias mitologias afirma-nos sobre o papel da mulher na Proto-História:

“As mulheres eram então consideradas depositárias de uma ciência oculta, transmitida desde tempos imemoriais até as últimas gerações de magas.”

O poder divino que as orixás possuem e como o usam, estão ligados aos portadores do Axé: a água através do líquido amniótico (sangue branco), o fogo através do sangue menstrual (sangue vermelho) e a terra através do óvulo e da placenta (sangue preto), daí sua ligação com a feitiçaria.

## 5.1 IYAMI AKÒKO: OXUM

“Oxum, mãe de clareza  
Graça clara  
Mãe de clareza.  
Enfeita seu filho com bronze  
Fabrica fortuna na água  
Cria crianças no rio.  
Brinca com seus braceletes  
Colhe e acolhe segredos...  
Fêmea força que não se afronta  
Fêmea de quem macho foge.  
Na água funda se assenta profunda  
Na fundura da água que corre.  
Oxum do seio cheio  
Ora Ieiê, me proteja  
És o que tenho –  
Me receba”.

(Risério;1996:151)

Oxum, a divindade que guarda o rio de mesmo nome nas águas nigerianas de Ijexá e Ijebu, é a labá mais encantadora, vaidosa, elegante, astuta e inteligente da mitologia iorubana.

Em algumas lendas é considerada a primeira filha de Iemanjá:

A Mãe das Águas não conseguia conceber e os babalaôs<sup>1</sup> pediram que fizesse um ebó no rio a cada cinco dias acompanhada de crianças e que levasse à cabeça um pote branco, onde colocaria água fresca para beber e se banhar. Iemanjá após engravidar continuou a fazer as obrigações pedidas pelos adivinhos, certo dia sentindo as contrações do parto, despediu-se das crianças e pariu Oxum sozinha.

No terceiro dia de sua existência o umbigo da pequena Oxum começou a sangrar e de nada valeram os cuidados da mãe para estancar tal quantidade de sangue. Mais uma vez, o oráculo foi consultado e aconselhou Iemanjá a banhar a criança na água fria e procurar Ogum.

O Senhor da forja pronto a ajudar foi ter com Ossaim<sup>2</sup> e a pedido deste colheu um tipo de erva e a macerou com pimenta verde e o entregou a Iemanjá, o remédio de Ogum curou a pequena Oxum. A primeira filha de Iemanjá cresceu sadia e exuberante. (Prandi; 2001:340)

Outra estória conta que apesar de Iemanjá ser esposa de Oxalá, teve um envolvimento com Orunmilá. O senhor dos adivinhos desconfiado que a filha recém nascida da labá fosse fruto de sua paixão, pediu a seu amigo Exú que visitasse Iemanjá e verificasse se a menina possuía algum sinal na cabeça. O astuto Exú viu na cabeça da menina o sinal de Orunmilá e a levou para ser criada pelo pai. Orgulhoso da criança satisfez todas as suas vontades. Oxum, a filha querida de Orunmilá, cresceu vaidosa e caprichosa. (Prandi; 2001:320).

Elbein (1998: 85) afirma ser Oxum a Grande Mãe Ancestral Suprema:

“No tempo as criação, quando Òsun estava vindo das profundezas do òrun, Olódùmaré confiou-lhe o poder de zelar por cada uma das crianças criadas por Òrìsà que iriam nascer na terra. Òsun seria a provedora de crianças. Ela deveria fazer com que as crianças permanecessem no ventre de suas mães, assegurando-lhes medicamentos e tratamentos apropriados para evitar abortos e contratemplos antes do nascimento; mesmo depois de nascida a criança, até ela não estar dotada de razão e não estar falando sua língua, o desenvolvimento e a obtenção de sua inteligência estariam sob o cuidado de Òsun.”

É nítido na narrativa acima seu poder de Iyami Akòko, haja vista as crianças serem Eboras filhos, primeiros habitantes do Aiyé representados também nas penas de ekodidé. Outras lendas narram que Oxum criou Oyá e os Ibejis (conhecidos vulgarmente como Cosme e Damião), filhos de Iansã, porém a grandeza de seu terrível poder e a íntima relação que possui com a fertilidade é notado no itan referente ao nascimento do odú Osetuá, encontrado em Verger (1997:174), Ogbeara (1998: 63), Elbein (1998:150) e Prandi (2001: 345).

No início dos tempos quando os Orixás criaram o Aiê, os Irunmalês da Direita reuniam-se para discutir e tomar decisões secretas sobre o planeta e vedavam as Orixás mulheres participarem de tais assembléias. A formosa Oxum inconformada com tal atitude resolveu vingar-se usando seus poderes de Iyami Ajé: rogou uma praga deixando as mulheres e fêmeas que habitavam o Aiê estéreis e de nada valiam as tentativas masculinas de procriação - sem a magia feminina nenhuma vida humana poderia fecundar e toda vida sobre a Terra iria extinguir-se.

Os Orixás masculinos foram consultar Olodumaré preocupados que estavam com sua descendência. O Pai de Todos soube da confraria masculina, da exclusão das mulheres nas decisões e da atitude de Oxum. Aconselhou os Orixás a pedirem desculpas a ela, pois Iyami Akòko é a Senhora Geradora da Vida, Feiticeira e Mãe Ancestral Suprema. Ainda ressentida Iyami Ajé respondeu que só retiraria tal praga se a criança gerada em suas entranhas fosse do sexo masculino. Os Orixás a conselho de Orunmilá estenderam seu axé ao ventre de Oxum que pariu um menino gerado pela magia: Akin Osó, o grande feiticeiro. Batizado por Ifá tornou-se o décimo sétimo odú: Osetua.

<sup>1</sup> Babalaô ou Babalawo (ioruba; de Baba, pai e Awo, segredo; portanto Pai do segredo). Sacerdote do culto de Ifá.

<sup>2</sup> Ossaim ou Ossanhã, orixá das folhas e ervas.

Como Senhora das Águas Doces transformou-se em peixe para firmar um pacto com Laro, primeiro Rei de Oxogbô, para que sua descendência fosse próspera e seu reinado feliz (Verger; 1997:175), portanto representa também um peixe mítico e todos os peixes são considerados seus filhos.

É a senhora do ekodidé, uma representação dos Eboras filhos como percebemos nesta lenda:

Oxalá sendo um Orixá Branco, têm por ewó (proibição) o sangue. Uma de suas mulheres, filha de Oxum, tinha por obrigação cuidar dos paramentos e ferramentas do Senhor da Paz. As outras duas mulheres com inveja da esposa dedicada resolveram prejudicar sua rival criando varias situações, porém a filha de Oxum resolveu bem todas elas, inclusive a da coroa de Oxalá que foi jogada no mar e depois encontrada na barriga do peixe que ela comprou. Não desistindo, as invejosas armaram um derradeiro golpe, durante a festa de Oxalá quando a filha de Oxum levantou-se para pegar a coroa do Rei, as invejosas colocaram um preparado mágico no assento. Ao sentar-se a esposa preferida sentiu algo quente e pegajoso...era sangue, a única proibição do Orixá. Oxalá expulsou-a do castelo.

Com misericórdia de sua filha, Oxum recolheu-a e dela tratou banhando-a e vestindo-a. Ao ir limpar a bacia do banho, a poderosa mãe dos segredos percebeu que não havia mais sangue, só penas de um raríssimo papagaio-da-costa africano, penas edidé (ou ekodidé). Essas penas eram tão raras que o próprio Oxalá não as possuía. A sábia Mãe enfeitou sua filha com as preciosas penas e fê-la participar das festas. O Senhor da Paz sabendo que Oxum era proprietária de tais penas foi até sua casa e lá encontrou sua esposa, que foi perdoada e em homenagem a esse episódio o único paramento vermelho de Oxalá é a pena do ekodidé. (Prandi; 2001:329)

No livro Por que Oxalá usa ekodidé, existem pequenas divergências do conto acima, a protagonista têm nome Omon Oxum. Ela é uma senhora que possui uma filha adotiva que ajuda a destrinchar o sumiço da coroa de Oxalá. Três são as mulheres invejosas e o sangue que escorre de Omon Oxum é fruto de seu esforço para ficar em pé perante o Rei – apesar da clara alusão ao sangue menstrual. Omon Oxum após sair do castelo de Oxalá pede auxílio a Exú, Ogum e Oxóssi – notemos que todos são Orixás masculinos e sendo homens não conhecem o sangue menstrual - que nada fazem. Oxum a acolhe e das feridas de Omon Oxum saem as penas de ekodidé. O desenrolar dos fatos é igual em ambos os mitos. (Santos:1997)

Oxum é Eleyê, Mãe que detêm o poder de transformar-se em pássaro. Metamorfoseou-se num pombo para fugir da clausura imposta por Xangô. (Prandi; 2001:332)

Um mito cubano conta que os Orixás pretendiam destronar Olodumaré. Olorum sabendo de tal heresia tornou a terra seca fazendo com que não chovesse no Aiê. A Ajé transformou-se num pavão e resolveu ir a Olodumaré, que morava no Orum, levar o pedido dos já arrependidos Orixás. Todos os Orixás dela zombaram: como poderia tão frágil criatura chegar ao Pai?

Determinada, Oxum começou a voar e subir cada vez mais alto no céu, o Sol queimou-lhe as belas asas coloridas tomando-as negras e da sua cabeça enfeitada nada restou, mas ela não desistia e subia cada vez mais alto até que chegou ao Orum. Olorum compadecido perante tal sacrifício perdoou os Orixás, os homens e deu para Oxum, transformada num abutre, a chuva que fertiliza a Terra. Fez do abutre seu mensageiro, pois só ele pode voar até a infundável distância de Olodumaré. (Prandi; 2001:341)

Com este relato mais uma vez reafirmamos a ligação de Oxum com a fertilidade e continuidade da vida, descendência priorizada pelos africanos e afro-descendentes. O ovo das aves, célula geradora de vida é seu símbolo, bem como de todas as Iyami Agba.

Notamos que a partir de seu nascimento possui o poder do sangue vermelho da menstruação, da fertilidade e do parto. Protetora das grávidas e das crianças recém nascidas é conhecida como Olutóju Awón Omó, senhora que vigia e guarda todas as crianças e Alàwòyè omo, mãe que cura as crianças.



O conhecimento sobre o destino dos homens e dos deuses era vedado às mulheres, apenas os babalaôs podiam jogar o Opelé Ifá, as mulheres puderam aprender os odús principais para poderem cultuar os Orixás graças a Oxum. Em conto citado por Prandi (2001:337) encontramos a seguinte versão:

Obatalá tendo aprendido com Orunmilá os jogos que podem ver o destino de cada Ser, foi banhar-se no rio. Exú que por ali passava, muito brincalhão roubou as roupas do Rei e saiu. Oxum que pelos rios andava vendo o Rei em situação tão delicada resolveu ajudá-lo. O Rei Nú conhecendo muito bem o gênio do alegre Exú desdenhou do poder da Doce Senhora em conseguir convencê-lo a devolver suas roupas, a determinada Oxum então fez um pacto com o Poderoso Orixá.

A Dona do Mel depois de muito procurar, encontrou Exú numa encruzilhada comendo seus ebós. Quando viu Oxum, o esperto orixá ficou teso de desejo e quis possuí-la. A formosa labá impôs a condição de que Exú devolvesse em trocas as roupas de Obatalá, e assim ambos entregaram-se. A astuta Orixá entregou as roupas de Obatalá que como prometido lhe ensinou o Jogo de Búzios e Obis, “desde então Oxum têm também o segredo do oráculo” que compreende os dezesseis odús principais do Opelé Ifá.

Outra estória ligando Oxum e Exú ao jogo de búzios versa:

“Ifá ordenou que Èsù o serviria como escravo durante dezesseis anos. Então, Ifá mandou Èsù procurar dezesseis cocos de dendê e ele foi, só que ao mesmo tempo em que achava os cocos de dendê, ele ia descobrindo o segredo dos mesmos, um por um; sendo assim, Èsù passou a auxiliar Òrúnmilà em seu sistema, assim Òrúmmilà passou a precisar de um ajudante e delegou Òsún como sendo a sua primeira ajudante, ou ainda a sua primeira Apetebi. Desta forma, o povo passou a procurá-la e Òsún se queixou a Ifá, que lhe ensinou os segredos dos dezesseis principais odú e lhe preparou dezesseis búzios, e, em paralelo, ordenou que Èsù respondesse naqueles búzios. Este, revoltado, disse que só responderia caso todos os sacrifícios determinados pelo oráculo dos búzios passassem também a ser dados a ele, até mesmo os que eram determinados a outro òrìsà, dos quais passou a tirar a sua parte como forma de pagamento do trato feito.”

(Escada & Filho; 2001:79)

Iyalode, justa homenagem a Oxum, é um título conferido à pessoa que ocupa cargo mais importante entre as mulheres da cidade, sendo consultada nos grandes momentos de discórdias nas comunidades africanas.

Oxum representa Nossa Mãe Ancestral Suprema esta associada a Iyami Agba, as veneráveis mães e Iyami Ajé, as mães da fortuna e da felicidade.

## 5.2 IYAMI ALÁKÒKO: OIÁ - IANSÃ

“Ê ê epa, Oiá ô.  
Grande mãe.  
Iá, ô.  
Beleza preta  
No ventre do vento.  
Dona do vento que desgrenha as brenhas  
Dona do vento que despenteia os campos  
Dona de minha cabeça  
Amor de Xangô...  
Toma conta de mim.”

Filha de Oxum, segundo um mito cubano, nasceu dentro das águas. (Prandi; 2001:295)  
Susanna Barbara (1995:104) narra-nos uma lenda por ela recolhida, que confirma a maternidade de Oxum:

“Um dia Oxum, que queria tanto ter uma filha mulher, botou uma galinha-d’angola num quarto e, depois de ter feito várias obrigações, no nono dia nasceu Oiá”.

Em homenagem a Oxum, aqueles que tem Oiá como protetora muitas vezes usam no ileke (colar de contas) uma pedra amarela e o resto das contas vermelhas. Outras lendas contam que foi criada por Odé, aprendendo com ele a arte da caça e dele ganhando erukere (rabo de cavalo), símbolo de realeza e poder sobre os espíritos da floresta.

Oiá é a divindade do rio Niger, em iorubá Odò Oya.

Foi casada com Ogum (Divindade do Ferro e da Forja) de quem recebeu um Ida, espécie de sabre, depois uniu-se a Xangô. Conta um dos mitos que Ogum furioso perseguiu os amantes e encontrando Oiá “trocou golpes de varas mágicas” partindo-a em nove pedaços, uma alusão aos nove braços do rio Niger. (Verger; 1997:168)

O sopro de lansã, muitas vezes é chamado de vento da morte, pois traz consigo maus presságios, o conto a seguir confirma tal qualidade.

lansã ajudava Ogum na forja soprando o fogo, assim, os armamentos que o ferreiro confeccionava para o guerreiro Oxaguiã ficavam prontos mais rapidamente. O Jovem Oxalá enamorou-se de Oiá, levando-a para morar em seu castelo. Tendo eclodido outra guerra, Oxaguiã precisou novamente dos serviços de Ogum, porém as armas demoravam demais a ficarem prontas. Oiá resolveu então avivar a forja e soprava em direção da casa de Ogum, “E o povo se acostumou com o sopro de Oyá cruzando os ares e logo o chamou de vento”. A guerra piorava e lansã assoprava cada vez mais forte “Tão forte que destruíra tudo no caminho, levando casas, arrancando árvores, arrasando cidades e aldeias. O povo reconhecia o sopro destrutivo de Oya e o povo chamava isso de tempestade”. (Prandi; 2001: 304)

O marido vermelho de Oiá é Xangô, que possui entre suas qualidades o Fogo, assim sendo, Oiá torna-se o princípio feminino do fogo:

“Foi a primeira mulher de Xangô e tinha um temperamento ardente e impetuoso. Conta uma lenda que Xangô enviou-a em missão na terra dos baribas, afim de buscar um preparado que, uma vez ingerido, lhe permitiria lançar fogo e chamas pela boca e pelo nariz. Oiá desobedecendo às instruções do esposo, experimentou esse preparado, tornando-se também capaz de cuspir fogo, para grande desgosto de Xangô, que desejava guardar só para si esse terrível poder”.  
(Verger;1997:168)

Ogbebara (1998:115) afirma que Obá foi a primeira esposa de Xangô, Oiá sua segunda esposa e Oxum a terceira:

“Primeiro é necessário que conquistes o amor de Obá.  
Depois deves casar-te oficialmente com ela...  
Isto feito, deverás casar-te oficialmente, com outras duas Iabás...”

Como Obá representa o princípio arcaico do fogo e também é patrona ancestrale dos egunguns, como veremos adiante, concordamos com a coerência na afirmação de Ogbebara.

Outra estória conta que Oiá queria ser mãe, mas não conseguia engravidar. Xangô estuprou-a e dessa violência nasceram os oito filhos da labá, porém seus filhos eram mudos. A mãe dos ventos fez oferendas e tempos depois nasceu seu nono filho que não era mudo, contudo possuía uma voz gutural, grave, profunda...

“Esse filho foi Egungum, o antepassado que fundou cada família.  
Foi Egungum, o ancestral que fundou cada cidade.  
Hoje, quando Egungum volta para dançar entre seus descendentes,

usando suas ricas máscaras e roupas coloridas,  
somente diante de uma mulher ele se curva.  
Somente diante de Oiá se curva Egungum”.

(Prandi; 2001:309)

Soberana entre os mortos e os ancestrais como Oiá Igbalé, a lansã do oriki ìya-mesan-òrun<sup>3</sup>. É homenageada também como

“Alákòko, dona do òpákòko, tronco ou ramo da árvore akòko;  
tronco ritual que liga os 9 espaços do orun ao aiyé”.

(Elbein; 1998:58).

lansã também domina a magia, têm o poder de transformar-se em búfalo e elefante, conforme nos afirmam duas estórias.

No primeiro episódio Ogum estava a caçando quando avistou um búfalo, enquanto se preparava para abatê-lo, o búfalo transformou-se numa linda mulher. Sem perceber que estava sendo observada Oiá escondeu a pele do búfalo na mata e saiu para o mercado. Ogum enamorado de tal beleza pegou para si a pele e correu a pedir lansã em casamento.

Ela recusou e fugiu para o mato atrás de sua pele. Nada encontrando e desconfiada de Ogum ter escondido sua pele, aceitou o pedido de casamento, porém impôs uma condição: que ninguém soubesse sobre seu lado animal. Tempo depois, embriagado, Ogum contou a suas outras esposas o segredo de Oiá. Numa ausência de Ogum, suas concubinas tripudiaram lansã com canções que aludiam ao seu lado animal e sobre o esconderijo da pele do búfalo. Oiá encontrando sua pele transformou-se novamente em búfalo fugindo de Ogum, matando as outras esposas dele e deixando seus chifres para que seus filhos os esfregassem quando em perigo, pois assim ela viria ajudá-los. (Verger; 1997:169)

No segundo caso Oiá para fugir do assédio de Odulecê, seu pai adotivo, fugiu de casa desesperada. Tal infortúnio trouxe a tona seus poderes:

“ e ela transformou-se em pedra,  
em madeira e em cacho de dendê.  
Mas seu pai continuava a perseguição.  
Desesperada, Oiá transforma-se num grande elefante branco,  
que atacou Odulecê...”

(Prandi; 2001:302)

lansã é guerreira e companheira, a mãe que não abandona seus filhos nos momentos de aflição, porém quando percebe-se lograda usa seus poderes de feiticeira para punir aqueles que causaram tais malefícios a si ou a seus filhos.

### 5.3 IYA OGBE: OBÁ

“Obà da sociedade E’léékò  
Guardiã da esquerda  
Anciã guardiã da sociedade E’léékò  
Guardiã da esquerda  
Ritual do mistério é entendido por Obà  
Anciã guardiã da sociedade E’léékò  
Guardiã da esquerda.”

(Elbein; 1998: 118)

Obá é a divindade do rio de mesmo nome, seu poder esta presente em todos os lugares onde o rio encontra o mar.

---

<sup>3</sup> Mãe dos nove espaços do Orum.

Solitária e nada vaidosa é independente, revolucionária e contestadora. De natureza rancorosa, belicosa, irascível, como Oiá, é guerreira e derrotou quase todos os Orixás em lutas, menos Ogum que aconselhado pelos babalaôs fez uma oferenda em forma de pasta, como nos informa Prandi (2001:314):

“...e depositou o ebó num canto do lugar onde lutariam.  
Chegada a hora, Obá, em tom desafiador, começou a dominar a luta.  
Ogum levou-a ao local onde estava a oferenda.  
Obá pisou no ebó, escorregou e caiu.  
Ogum aproveitou-se da queda de Obá, num lance rápido tirou-lhe os panos e a possuiu ali mesmo, tornando-se, assim, seu primeiro homem.”

Ogbebara (1998: 115) diverge relatando-nos que Obá era virgem e seu primeiro amor foi Xangô:

“- Diga-me então, Orumilá, o que devo fazer pôr fim a esta situação tão angustiante – perguntou Xangô.  
- Deves conquistar o amor de Obá. Ela não conhece o amor, jamais foi cortejada por qualquer homem e, tenho certeza, de que não resistirá aos teus encantos – explicou Orumilá... Depois deve casar-te oficialmente com ela...”

Outra discordância é encontrada em Verger (1997:186), que afirma ser Obá a terceira e mais velha esposa de Xangô.

“... foi a terceira mulher de Xangô. Como as duas primeiras, Oiá e Oxum, ela foi também mulher de Ogum segundo uma lenda de Ifá...”

A lenda a qual Verger se refere é a mesma citada por Prandi, que transcrevemos no segundo parágrafo.

Obá é o princípio arcaico do fogo que precisou ser dominado para a raça humana constituir-se numa sociedade organizada.

O episódio mais conhecido da labá é o da perda de sua orelha.

Obá percebendo que Xangô não a procurava pede a Oxum que lhe ensine uma forma de reconquistar a atenção do poderoso Rei. A lá dos feitiços, por troça, diz a ela para fazer uma comida preparada com sua orelha, pois assim conseguiria a preferência de Xangô. Ingênua, segue à risca as instruções de Oxum. Ao servir tal iguaria, seu marido percebendo tamanha excentricidade sente-se ofendido e a expulsa de seu palácio. Enganada por Oxum, humilhada e banida por Xangô, Obá fugiu para as margens do rio, passando a nutrir um ódio por si mesma e por todos. A única razão de viver era a esperança de um dia reconciliar-se com Xangô.

Num dia de tempestade, depois da morte de Xangô, Obá atirou-se num tronco em chamas que fora atingido por um raio sendo totalmente consumida pelo fogo, retornando ao Orún de mãos dadas com Xangô e Oiá.

“Obá, sacrificando-se no fogo, renovava os votos de união eterna com seu grande amor”.  
Ogbebara (1998:167)

Obá é Iyá Egbe, senhora dos espíritos ancestrais femininos e líder da sociedade secreta Eleeko, conforme Elbein:

“Pouco se sabe sobre a sociedade E’lèkò. Assim como Odù, Òsun, Yémánjá e Nàná encabeçam a sociedade Gèlèdè, Obà encabeça a sociedade E’lèkò. Não temos conhecimento da existência de um tal egbé no Brasil, se bem que seu título principal de Iyá-egbé é o que ostenta a chefe de comunidade feminina nos ‘terreiros’ Iésé egún.  
Por outro lado, Obà, representação coletiva dos ancestrais femininos venerados nessa sociedade, é cultuada nos ‘terreiros’ Iésé òrìsà.”

(Elbein; 1998:117)

Ou seja, Iyá Egbe é o título supremo dado às mulheres no culto Egungum<sup>4</sup>.

<sup>4</sup> Culto aos mortos, aos ancestrais. Os Egungun ou Eguns possuem um culto separado do candomblé, os terreiros mais famosos foram fundados por volta do início do século XIX, são eles: terreiro de Vera Cruz, Terreiro de Mocambo, Terreiro de Encarnação e Terreiro de Tuntun. (Elbein; 1998:119)

Ogbebara (1998:106) cita Obá como fundadora da ordem secreta Geledé relatando:

“Obá, embora não fosse diretamente atingida pelos acontecimentos, na medida em que não se submetera jamais a qualquer homem, pressentia o perigo que ameaçava a posição da mulher dentro da sociedade e, por este motivo, resolveu criar um grupo denominado Egbe Guéléde...”

Para Elbein e Luz a sociedade Eleeko não existiu no Brasil:

“Orixá guerreira, ela é também considerada patrona da sociedade secreta feminina Eleeko, da qual não temos conhecimento que tenha existido no Brasil.”

(Luz; 2000:63)

e a divergência entre autores abre uma lacuna que leva-nos a supor que Ogbebara ou Baba Adilson de Oxalá possua informações diferenciadas de pesquisa.

Danças e cantigas caracterizam-na como guardiã da esquerda, conforme a letra da canção que abre este sub título.

Por ser uma Mãe Ancestral é chamada de Avó nos terreiros. Associada a água e a cor vermelha “pareceria ser o princípio ou símbolo mais antigo de Òsun e de Oya”. (Elbein; 1998:118)

Para terminar transcrevemos uma curiosidade:

“O rio em que vivia recebeu seu nome e adquiriu, a partir de sua morte, um poder extraordinário. Dizem que as pessoas que sofrem desilusões amorosas, ao banharem-se em suas águas, ficam livres de seu penar e esquecem-se de quem as desprezou”.

(Ogbebara; 1998:167)

## 5.4 YÉYÉ OMO EJÁ

“Rainha das águas que vem da casa de Olokum.  
Ela usa, no mercado, um vestido de contas.  
Ela espera orgulhosamente sentada, diante do rei.  
Rainha que vive nas profundezas das águas.  
Ela anda à volta da cidade.  
Insatisfeita, derruba as pontes.  
Ela é proprietária de um fuzil de cobre.  
Nossa mãe de seios chorosos”

(Verger; 1997:191)

Iemanjá é uma divindade das águas, no Brasil é a Senhora que rege as águas do mar. Seu nome vêm de Yèyé omo ejá: mãe que têm filhos peixes. Seu culto é originário de Ifé e Ibadan.

Mãe de grandes seios, podemos perceber que é Irunmalê da Esquerda, genitora de muitos Orixás como anotado num mito transcrito por Nina Rodrigues:

Do matrimônio de Obatalá e Odudua ( Céu com a Terra) nasceram dois filhos: Aganju<sup>5</sup> e Iemanjá, os irmãos tiveram junto um filho.

Aproveitando a ausência do pai, Orungam violentou Iemanjá. A mãe repudiou o amor de seu filho e fugiu em desespero perante tal ousadia. Seu filho atrás dela correu, porém Iemanjá caiu morta. Seu corpo inerte começou a transformar-se crescer, seus seios tornam-se monstruosos e geraram dois rios que depois de unidos formaram uma lagoa. Seu ventre inchado rompeu-se e dele nasceram:

---

<sup>5</sup> Aganju é considerado neste conto como a terra firme, noutras estórias é a Divindade do Fogo nos Vulcões, é também contemplado como uma das qualidades de Xangô: Xangô Aganju.

“Dadá, deusa dos vegetais,  
Xangô, deus do trovão,  
Ogum, deus do ferro e da guerra,  
Olocum, divindade do mar,  
Olossá, deusa dos lagos,  
Oíá, deusa do rio Níger,  
Oxum, deusa do rio Oxum,  
Obá, deusa do rio Obá,  
Ocô, orixá da agricultura,  
Oxóssi, orixá dos caçadores,  
Oquê, deus das montanhas,  
Ajê Xalugá, orixá da saúde,  
Xapanã, deus da varíola,  
Orum, o Sol,  
Oxu, a Lua .”

(Nina Rodrigues, 1934: 222)

porém o autor alerta-nos no parágrafo seguinte:

“É de crer que esta lenda seja relativamente recente e pouco espalhada entre os nagôs. Os nossos negros que dirigem e se ocupam do culto iorubano, mesmo dos que estiveram recentemente na África, de todo a ignoram e alguns a contestam”.

Há diferenças no conto recolhido por Prandi (2001:382), primeiramente conta-nos que a lagoa originou o mar e que outros orixás ainda saíram do ventre exposto de Iemanjá:

“E outros e mais outros orixás nasceram...  
E por fim nasceu Exú, o mensageiro.”

Verger (1997:194) declara que tal conto é extravagante e em nota exclama que tal estória foi inventada por Reverendo Padre Baudin, atravessou o Atlântico por intermédio dos textos de Ellis, que serviram de referência para Nina Rodrigues:

“Durante a pesquisa que fiz a partir de 1948 nos meios não letrados destas regiões da África, nunca encontrei vestígios das lendas inventadas por Rev. Padre Baudin.”

Prandi (2001:552) atualmente rejeita a exclamação de Verger:

“No Brasil de hoje, é um dos mitos mais populares entre o povo-de-santo, que não sabe dizer o nome do filho de Iemanjá que a teria violentado, mas conta que a origem dos orixás foi consequência da violência sexual do filho contra ela”.

Por vezes, Iemanjá é considerada primeira esposa de Orunmilá, senhor das adivinhações.

“...Certa vez Orunmilá viajou e demorou para voltar e Iemanjá viu-se sem dinheiro em casa. Então, usando o oráculo do marido ausente, passou atender grande clientela e fez muito dinheiro”.

(Prandi; 2001: 387)

Noutro conto, visto no capítulo anterior sobre as divergências na gênese iorubana, Iemanjá e Olodumaré criam o mundo.

Outros mitos revelam-nos que Iemanjá era filha de Olocum<sup>6</sup> e esposa de Olofim, Rei de Ifé, dessa união nasceram dez filhos dentre os quais Oxumaré e Xangô<sup>7</sup>. Cansada da vida em Ifé resolveu viajar para o oeste, porém Olofim mandou um exército atrás dela. Cercada, lembrou-se de um frasco que ganhara para usar numa emergência conforme lhe dissera sua mãe. A labá quebrou o recipiente e um rio apareceu imediatamente transportando-a para Ocum, o reino de sua mãe. (Verger; 1997:190)

<sup>6</sup> Entidade soberana do mar, considerado Deus em Benin e deusa em Ifé. (Verger; 1997:190)

<sup>7</sup> O arco-íris e o fogo.

Elbein (1998:90) e Luz (2000:67) informam-nos que Iemanjá foi esposa Oranian<sup>8</sup> e geraram Xangô, todavia veremos noutra lenda que a maternidade biológica do Orixá do Fogo pertence a Euá, sendo Iemanjá sua mãe adotiva.

Iemanjá, a última líder Geledé, foi traída por Exú e violentada por Obatalá que deixou-a desfalecida na relva, ao acordar

“sentiu tamanho asco, que, transformando-se num rio, retornou, por seu leito, ao reino de seu pai, no oceano. Este rio existe até hoje em terras iorubás, chama-se Odo Ogun... e desta maneira abandonou a forma humana”.

(Ogbebara; 1998: 132)

Iemanjá é Iyami Ajé. Possui o poder de transformar-se em peixe e água, suas lendas mostram seu poder de gerar ou, como nessa lenda cubana, de destruir:

“ Iemanjá era uma rainha poderosa e sábia.

Tinha sete filhos

e o primogênito era seu predileto.

Era um negro bonito e com o Dom da palavra.

As mulheres caíam a seus pés.

Os homens e os deuses o invejavam.

Tanto fizeram e tanta calúnia levantaram contra o filho de Iemanjá que provocaram a desconfiança de seu próprio pai.

Acusaram-no de haver planejado a morte do pai, o rei, e pediram ao rei que o condenasse à morte.

Iemanjá Sabá explodiu em ira.

Tentou de todas as formas aliviar seu filho da sentença,

mas os homens não ouviram suas súplicas.

E essa primeira humanidade conheceu o preço de sua vingança.

Iemanjá disse que os homens

só habitariam a Terra enquanto ela quisesse.

Como eles a fizeram perder o filho amado,

suas águas salgadas invadiriam a terra.

E da água doce a humanidade não mais provaria.

Assim fez Iemanjá.

E a primeira humanidade foi destruída”.

(Prandi; 2001:386)

## 5.5 OTIM

Encontramos em Prandi dois mitos relativos a Otim, no primeiro possui o gênero feminino, no outro masculino, porém em ambos os mitos está envolvida com Odé (Orixá Caçador).

Filha do Rei Oquê da cidade de Otã, Otim nasceu com quatro seios. Devido seu segredo: a anomalia que nasceu, saiu de sua cidade natal e foi morar em Igbadô.

Um caçador por ela enamorou-se e quis desposá-la. Após muitas negativas ao pedido, Otim cedeu ao pedido do caçador, mas impôs-lhe a condição de que nunca comentasse sobre sua anomalia, o caçador aceitou e também lhe impôs uma condição: que ela jamais colocasse mel em sua comida.

As outras esposas de Odé enciumadas pela preferência dele por Otim engendraram uma armadilha, enquanto Otim cozinhava desviaram-lhe a atenção e encheram de mel a refeição que fazia para Odé. Quando o caçador sentiu o gosto de mel, amaldiçoou Otim e contou a todos seu segredo. Magoada fugiu para o palácio de seu pai e este pediu para que partisse, pois as notícias

---

<sup>8</sup> Oranian é descendente de Oduduwa, fundador do reino de Oiô.

chegariam rapidamente. Otim desesperada fugiu pela floresta e Oquê arrependido saiu em seu encalço, ao tropeçar numa pedra Otim transformou-se num rio, seu pai transformou-se numa montanha para impedi-la de chegar ao mar, mas de nada adiantou. O rio contornou a montanha e seguiu seu curso. Até hoje o rio (Otim) e a montanha (Oquê) são cultuados em Otã. (Prandi; 2001:144)

Em outro mito Otim é um rapaz sorumbático, infeliz que um dia resolveu fugir do palácio e ir para a floresta. Ao dormir sonhou que um caçador dizia-lhe que deveria fazer um ebó entregando sua faca e suas roupas. Acordando assustado entregou suas roupas e sua faca perto de um riacho. Neste momento tudo que Otim escondera ficara exposto: seu corpo de donzela. Oxóssi surgiu na mata e viu Otim, cobriu-lhe, alimentou-o e ensinou-lhe os segredos da floresta e da caça. Tornaram-se grandes amigos e Oxóssi nunca contou seu segredo a ninguém. (Prandi; 2001:147)

## 5.6 EUÁ: A SENHORA DO ADÔ

“...é ela que domina os cemitérios.  
Ali ela entrega a Oiá os cadáveres dos humanos,  
os mortos que Obaluaê conduz a Orixá Ocô  
e que Orixá Ocô devora para que voltem novamente à terra,  
à terra de Nanã de que foram um dia feitos.  
Ninguém incomoda Euá no cemitério”.

(Prandi; 2001: 241)

Euá é filha de Nanã e Obatalá, portanto irmã de Oxumaré e Obaluaê. labá das transformações da água em estado gasoso ou sólido, é ela quem domina as metamorfoses lentas ou rápidas na natureza.

“Ela é quem gera as nuvens e a chuva; quando olhamos para o céu e vemos as nuvens formando figuras de animais, pessoas ou objetos, não damos muita importância por achar que aquilo é coisa da imaginação – estamos enganados, pois ali está Ewá, ela é quem cria essas diferentes formas.”

(Escada & Filho; 2001:147)

Bela, casta, inteligente e solitária, guarda o segredo do anoitecer no horizonte.

Afirma uma lenda que Nanã preocupada com a solidão de sua filha pediu a Orunmilá que lhe arranjasse um marido. Euá não queria casar e pediu ajuda a Oxumaré que de bom grado a escondeu onde termina o arco de seu corpo, tornando-se ambos companheiros e inacessíveis no horizonte.(Prandi; 2001:238)

Uma variante dessa lenda reza que Nanã não ofereceu os sacrifícios necessários para obter tal casamento. Muitos príncipes apareceram e começaram a brigar até a morte para conquistar Euá, mas ela não conseguia escolher um pretendente. Triste por tanto sangue derramado procurou Orunmilá que aconselhou-a a fazer ebós para apaziguar tal situação. Após fazer as oferendas Euá começou a dissipar-se, evaporando em seguida, transformando-se

“em densa e branca bruma.

E a névoa radiante de Euá espalhou-se sobre pela Terra.

E na névoa da manhã Euá cantarolava feliz e radiante.

Com força e expressões inigualáveis cantava a bruma.



O Supremo Deus determinou então que Euá  
Zelasse pelos indecisos amantes,  
olhasse seus problemas, guiasse suas relações”.

(Prandi; 2001: 234)

Outras lendas falam que Euá era filha predileta e intocável de Obatalá. Um dia apaixonou-se por Boromu, dele engravidou e fugiu para a mata, parindo seu filho em segredo. Obatalá transtornado colocou a todos em seu reino atrás de Euá. Boromu saiu a procura de Euá, encontrou-a desfalecida e querendo que ela voltasse ao palácio escondeu seu filho na floresta. Ao acordar Euá contou e perguntou sobre o filho de ambos, Boromu saiu a procura da criança, porém não mais a encontrou. Iemanjá que morava ali perto ouvindo o choro do bebê pegou-o para criar.

Arrependida pela fuga, Euá pediu perdão a seu pai que colérico expulsou-a do palácio. Envergonhada Euá isolou-se no cemitério longe de todos os seres vivos. Seu filho cresceu forte e belo sob a tutela de Iemanjá, a mãe das águas deu-lhe o nome de Xangô. (Prandi; 2001:237)

Uma variação deste conto narra que Xangô para seduzir Euá empregou-se no palácio de Obatalá como jardineiro e presenteou-a com “uma cabaça enfeitada com mil búzios, com uma cobra por fora e mil mistérios por dentro, um pequeno mundo de segredos, um adô”. Diante de tais riquezas Euá pensou que Xangô a amava verdadeiramente e a ele se entregou. Euá decepcionou-se com Xangô e pediu a seu pai para escondê-la onde jamais pudesse ser achada. Obatalá compadecido deu-lhe um trono no reino dos mortos, desde então, Euá é labá nos cemitérios.(Prandi; 2001:241)

Euá é ajé, pois possui uma cabaça<sup>9</sup> na qual esconde seus amargos e doces segredos:

“Ewá é o desabrochar de um botão de rosa, ela é uma lagarta que se transforma em borboleta, ela é a água que vira gelo e é o gelo que vira água, ela é quem faz e desfaz. Ewá é a própria beleza contida naquilo que tem vida, é o som que encanta, é a alegria, é a transformação do mal para o bem: enfim, Ewá é a vida.”

(Escada & Filho; 2001:147)

## 5.7 Olocum

Olocum é considerada senhora do mar (ocum), rainha de todas as águas.

Teve nove filhas entre as quais Iemanjá e Ajé Xalugá, suas prediletas. Distribuiu o oceano e seus segredos entre suas filhas, porém todos os segredos que ele contém só pertencem a Olocum.

Grande Mãe Anfíbia, podia viver tanto na água quanto na terra firme. Apaixonou-se por Orixá Ocô, porém temia que o mesmo não entendesse sua natureza ambígua. Aconselhada por Olofim, que afirmou a seriedade e discrição de Ocô, Olocum uniu-se ao Orixá Lavrador.

Ocô descobrindo o segredo de sua mulher contou a todos e Olocum muito triste e envergonhada escondeu-se no fundo do oceano

“onde tudo é desconhecido e aonde ninguém nunca pode chegar...

Outros dizem que Olocum se transformou numa sereia, ou numa serpente marinha que habita os oceanos. Mas isso ninguém jamais pôde provar”.

(Prandi, 2001: 405).

## 5.8 AJÊ XALUGÁ

---

<sup>9</sup> Como veremos no capítulo referente a Iyami Osoronga, toda ajé é proprietária de uma cabaça na qual mora um pássaro que leva seus encantamentos.

“Ajê Xalugá ajuda quem precisa  
E quem lhe oferece presentes no mar”.  
(Prandi; 2001:421)

Ajê Xalugá é a filha mais nova de Olocum, muito curiosa teve de perder sua visão para entender o Segredo herdado de Olocum, a partir disso tornou-se protetora da saúde.

Seu lar é o fundo do oceano, onde possui um trono de coral e todas as riquezas do mar e da terra, pois muitas coisas da terra são levadas para o mar.

É a senhora de todos os tesouros, por isso oferta a prosperidade ao homem.

## 5.9 IYAMI IMÓLE: ODUÁ – ODUDUA (ODÙ LÓGBÁJE)

Grande Mãe Ancestral, única filha de Olodumaré e também única Orixá Funfun. Criadora do Aiê, representa o princípio criador passivo e feminino de Olodumaré, por isso às vezes também é tratada como masculino: O Odudua ou como a parte feminina de Oxalá.

Odua detêm o segredo de toda a criação do Aiê, por isso é feiticeira, porém abdicou de seu poder soberano sobre a Terra para tornar-se esposa de seu irmão e com ele compartilhar de tal poder. Enquanto genitora do Aiê tornou-se Eborá, a parte inferior de Igbadu, a cabaça da criação. Possuía uma relação de amor-ódio com seu irmão-esposo Obatalá (Oxalá – princípio criador ativo masculino de Olodumaré), mas nenhuma vida no mundo material pode existir se as forças de Oduduwa e Olodumaré não forem equilibradas.

Quando pela primeira vez a Terra foi pisada, Odua imprimiu sua marca em Ifé Oòdáiyá ou Ilé Ifé, capital sagrada do povo iorubá.

“Os descendentes de Oduduwa foram os primeiros a serem coroados reis entre todo o povo nagô. Sua primeira filha Akobi teve sete filhos:  
o primeiro Olowu rei de Owu.  
A Segunda foi mãe de Alaketú, rei de Ketú.  
O terceiro, Oba Bini, foi rei de Bini.  
O quarto, Oba Ila, foi rei de Orangun.  
O quinto, Oba Sape, foi rei de Sape, Oni Sape.  
O sexto, Oba Popo, foi rei de Olupopo.  
Finalmente o sétimo, Oraniyan, o caçula,  
se tornou Alaafin no lugar de Oduduwa em Ifé”

(Lasebikan; 1963)

Saudada como Iyá Malé e Iyá Imóle, Mãe dos Orixás, concede longa e próspera vida aqueles que possuem uma cabaça-odú.

## 5.10 OMO ÀTIÒRO OKÈ OFA: NANÃ BURUKU

“Proprietária de um cajado.  
Salpicada de vermelho, sua roupa parece coberta de sangue...  
Água parada que mata de repente.  
Ela mata uma cabra sem utilizar a faca”.

(Verger; 1997:240)

O título de Omo Àtiòro okè Ofa, filha do poderoso pássaro Atiòro da cidade de Ofa, concede a Nanã Buruku a associação com a sociedade Egbe Eleye.

O culto a Nanã Buruku e seus dois filhos Oxumaré e Omulu vêm do antigo Daomé, hoje Benin. Para as nações Fon e Ewe é sincretizada com Mawu, representando o Princípio Criador Feminino, geradora de todo panteão de divindades Voduns junto com sua contraparte masculina Lisa.

Em Salvador, com a influência católica, foi sincretizada na figura de Santana, mãe de Maria, portanto avó de Jesus Cristo e como Vovó é saudada em algumas Casas de candomblé.

Iyami Agba, Mãe Ancestral, é dela a lama que confeccionou o homem. Uma estória narrada por Mãe Pierina Ferreira de Oxum, da cidade de Salvador, conta que no início dos tempos quando os homens não existiam Oxalá tentou usar vários materiais para confeccioná-lo: ar, pau, pedra, fogo, azeite, água e vinho de palma. Vendo os insucessos do Poderoso Orixá, Nanã veio ajudá-lo:

“Apontou para o fundo do lago com seu ibiri, seu cetro e arma,  
e de lá retirou uma porção de lama.  
Naná deu a porção de lama a Oxalá,  
O barro do fundo da lagoa onde morava ela,  
a lama sob as águas, que é de Nanã.  
Oxalá criou o homem, o modelou com barro...”

(Prandi; 2001: 196)

Naná é a terra úmida, portanto a terra irrigada e pronta para gerar. Terra útero, mistério e magia da continuidade da raça humana, considerada matrona da agricultura e da fertilidade dos grãos que nela caem, desenvolvem, crescem, morrem e voltam para a terra quando são absorvidos e renascem em outro grão. Também relacionada com a morte, pois é na terra que os mortos são enterrados, sendo assim, a Vovó indica-nos os renascimentos e continuidade da raça ou do clã familiar.

Naná muitas vezes é representada como uma senhora de cabelos brancos:

“...devemos dizer que Nanã envelhecera de forma precoce.  
Talvez o arrependimento por haver abandonado o filho doente à própria sorte tivesse colaborado, de forma eficaz, para o embranquecimento de seus cabelos.  
A ancianidade, no entanto, em nada empanara a sua beleza.  
Adquirira um ar de dignidade que só se obtém com o passar do tempo.”

(Ogbebara; 1998:172)

Como Grande Mãe que é usa o Ibiri<sup>10</sup> por cetro, símbolo do seu poder sobre a vida e a morte. Mestre Didi e Elbein narram-nos:

“Quando ela nasceu, a placenta continha o òpá. Uma vez nascido,  
uma das extremidades do òpá se enrolou e cobriu-se de cauris e  
de finos ornamentos. Então eles se separaram da placenta e o colocaram na terra”

(Elbein, 1998:82)

<sup>10</sup> O nome Ibiri, vem de Ibi-ri-rii, meu filho ou meu parente encontrou e trouxe para mim.

É um adorno confeccionado em fibra de palmeira enfeitado com búzios, preso a si mesmo formando um desenho arredondado lembrando a região genital feminina.

A frase do oriki “Salpicada de vermelho, sua roupa parece coberta de sangue.”, refere-se a seu culto na África, onde suas sacerdotisas recobrem as mãos e o ibiri de sangue vermelho, demonstrando nitidamente seu poder gerador feminino.

Apesar do carinhoso apelido de Vovó, Nanã é a implacável e temida justiceira, seus poderes como Iyami Iyalode, Iyami Agba podem ser notados no mito de Nanã e Oxalufã:

“Nanã era considerada grande justiceira.  
Qualquer problema que ocorresse,  
todos a procuravam para ser juíza das causas.  
Mas sua imparcialidade era duvidosa.  
Os homens temiam a justiça de Nanã,  
pois se dizia que Nanã só castigava os homens  
e premiava as mulheres.  
Nanã tinha um jardim com um quarto para os eguns,  
que eram comandados por ela.  
Se alguma mulher reclamava do marido,  
Nanã mandava prendê-lo.  
Batia na parede chamando os eguns.  
os eguns assustavam e puniam o marido.  
Só depois Nanã o libertava...”

(Prandi; 2001: 198)

Os ancestrais e os mortos são considerados seus filhos.

Nos sacrifícios a Nanã é proibido usar qualquer instrumentos de metal, pois ela é rival de Ogum, proprietário dos metais e seu uso, sugerindo ser o culto a Nanã anterior a Idade dos Metais.

“Nanã deu a matéria do começo mas quer de volta no final tudo que é seu.”

(Prandi; 2001:197)

## Capítulo 6:

---

## MINHA MÃE OSORONGA

“Muito poderosamente emplumada  
Minha mãe Òsòròngà  
Nós te saudamos  
Não me mates...”

(Verger; 1994:34)

Nos capítulos antecedentes vimos a relação entre o poder fecundador-genitor masculino-feminino e suas representações nas Orixás Eboras-Mães, Filhas e sua atuação na criação do Aiê e no estabelecimento da ordem social-religiosa para o crescimento e expansão da raça humana.

Para a complexidade dessas geradoras ancestrais é dado o nome de Iyami Osorongá, o espírito das ancestrais divinas que geraram o planeta e a raça humana, portanto Iyami Osorongá não é uma Entidade específica mas um aglomerado de energias geradoras, mantenedoras e destruidoras da vida, na qual cada Orixá Fêmea tem sua parcela de participação.

Em entrevista Fáyiomi Fábio Escada declarou-nos que em sua opinião o odú Òsá, o décimo no oráculo de Ifá e o nono no Jogo de Búzios, é Iyami Osorongá. A reunião dos Eboras femininos foi criada no odú Òsá Meji, portanto, corresponde à coletividade feminina de Osorongá.

O odú Òsá representa a lagoa e os Orixás que respondem neste odú são: **Oiá, Ajé, Egungun e todas as labás**, Onile, Obaluaê e Olosa (o grifo é nosso). As pessoas que possuem este odú não devem entre outras coisas comer carne de galo, usar roupas vermelhas e azuis, beber vinho de palma e evitar relações sexuais durante o dia. Em seu livro nosso informante afirma:

“Este odú corresponde a nove búzios abertos. Este odú representa o poder de feitiçaria feminino, numa referência inequívoca à sua ligação com práticas de feitiçaria, nas quais as mulheres se destacam por sua dotação natural, inerente à sua condição de procriar, transformando um espermatozóide microscópico em um ser humano...”

(Escada & Filho; 2001:112)

O vulgo popular enxerga na figura da mulher idosa a figura da ajé, pois ela não é mais fecunda. Os dons de feiticeira também poderiam ser herdados da mãe ou de uma das avós, ou ainda por um encantamento enviado por outra ajé. (Verger; 1992:10)

## 6.1 MULHERES PÁSSAROS

Segundo os itans, Iyami Osorongá possui o poder de transformar-se em pássaro tornando-se Eleyê<sup>1</sup> que são as Ajés, conhecidas como Agbibgó, Elúlú, Atioro, Osorongá. Mulheres pássaros,

---

<sup>1</sup> Fáyiomi Fábio Escada explicou-nos em entrevista que a palavra “eye” significa pássaro e o prefixo “el”, mulher que detém, no caso, um pássaro. Entendemos então que Eleyê é aquela que conserva em seu poder e guarda em si um pássaro.

senhoras da noite, voam de um lado para o outro levando encantamentos, dores, doenças, misérias, rancor e morte. Ao ouvir seu temido canto todo ser humano deve proteger-se e agradá-la, pois sua ira é fatal conforme afirma Jorge Amado:

“Quando se pronuncia o nome de Iyami Oxorongá quem estiver sentado deve se levantar, quem estiver de pé fará uma reverência pois êsse é um terrível Orixá, a quem se deve respeito completo. Pássaro africano, Oxorongá emite um som onomatopáico de onde provém seu nome.(...) Iyami Oxorongá é dona da barriga e não há quem resista a seus ebós fatais, sobretudo quando ela executa o Ojiji, o feitiço mais terrível. Com Iyami todo cuidado é pouco, ela exige o máximo respeito, Iyami Oxorongá, bruxa é pássaro.”

(Carybé & Amado; 1979:32)

Noutras versões Iyami Osorongá é proprietária do ayé (pássaro) chamado Aragamago e dona de uma cabaça segundo o odú Ìrété Ogbè:

“Olódumarè Ihe dá um pássaro.  
Ela pega esse pássaro para ir à terra.  
Aragamago é o nome que Olódumaré dá a esse pássaro.  
Aragamago é o nome que tem esse pássaro de Odù.”

(Verger; 1994:62)

O Odú Ìrété Méji narra:

“... Ifá é consultado por 201 pessoas,  
que do céu vieram para Terra.  
Ifá é consultado para 201 proprietárias de pássaros  
Que do além vieram para a terra.  
Quando estas 201 pessoas chegaram,  
Os babalaôs disseram para preparar uma cabaça para cada uma.  
Quando chegaram pela primeira vez, foi em Otá,  
elas elegeram uma pessoa ìyálóde em Otá  
Aquele que quer receber (um pássaro) leva sua cabaça para junto dela.”

(Verger; 1992:38)

As duzentas pessoas são os Eboras, Irunmalês de Esquerda as Mães Genitoras. A bicentésima primeira pessoa é Exú, princípio filho, o primeiro nascido no mundo concreto. A Iyalode eleita é Oxum, que possui o poder de transformar-se em pássaro - pombo, pavão e urubu conforme os mitos descritos no sub capítulo 5.1 – e detêm os segredos contidos no sangue menstrual através do ekodidé.

Na cosmogonia iorubana a cabaça possui um significado ligado a união do Orum com a terra, é o útero-receptáculo que recebe a fusão do ovo feminino e do esperma masculino. Notamos que a forma da cabaça lembra o órgão sexual masculino em sua parte externa, o útero em sua forma interna e possui sementes que corresponderiam aos ovos.

Ao continuar o texto elas recebem também cabaças, onde guardam seus pássaros que sob suas ordens podem voar aos quatro cantos do mundo e realizam todo tipo de maldade:

“Quando elas abrem a cabaça assim,  
o pássaro voa para executar esta missão.  
Se elas disserem para matar alguém, eles matam.  
Se elas disserem para trazer os intestinos de alguém, eles o trazem...  
Se ela está grávida, eles retiram a prenhez de seu ventre”

(Verger;1992:39)

As Eleye guardam seu pássaro na cabaça quando ele volta de suas missões.

Para tirar a vida de uma eleye bastaria esfregar pimenta vermelha em seu corpo desanimado enquanto ela estivesse sob a forma de pássaro.

## 6.2 A TRINDADE IYAMI, ORUNMILÁ E EXÚ.

Notamos íntima e profunda relação entre Orunmilá, Exú e Iyami Osorongá.

Orunmilá representa para o culto africano-brasileiro o Próprio Destino, é a divindade que conhece todo o passado, presente e futuro de todos os seres do Aiê, portanto da espécie humana e do Orum. Conhecido como: Eléri Ìpín, Ibikéji Olódúmarè, Gbàiyégbòrún e Òpitan Ìfé<sup>2</sup>. Seus sacerdotes ou filhos, os babalaôs, possuem um culto à parte do Candomblé.

“Acredita-se que Olòrún passou, e confiou de maneira especial, toda a sabedoria e conhecimento possível, imaginável e existente entre todos os mundos habitados e não habitados a Òrúnmilà, fazendo com que, desta forma, este se tornasse seu representante em qualquer lugar que estivesse.”

(Escada & Filho; 2001:20)

Orunmilá é a única divindade que têm o poder de mudar o destino de qualquer criatura, porém para que exista alguma criatura é necessário que ela seja gerada e parida por Iyami.

Gerado por um Orixá Funfun (Orunmilá) e por um Eborá (Ybiérru) - em outras histórias por Orixalá-Odúá, Exú Yangi está associado a laterita, o barro do qual foi tirada a matéria prima para a confecção do homem. É o patrono das relações sexuais, condutor do Axé e das oferendas rituais, sem sua ação e movimento só existiria a inércia no universo. Representado pelo caracol okotó é o expansor da vida no universo. Possui muitos nomes:

Yangi – a matéria prima do universo;

Bará – rei do interior do corpo;

Enugbarijo – associado aquilo que se coloca na boca, rege a comunicação;

Ojixé-ebó – o mensageiro e condutor dos sacrifícios;

Elebó – aquele que estabelece a ligação entre humanos e orixás através dos sacrifícios;

Exú Onã – aquele que abre ou fecha os caminhos;

Exú Obé – o manejador da faca que auxilia nos partos ou traz a morte;

Osetuwa – filho de Oxum, nascido pelos poderes do Axé dos Orixás.

A trindade Orunmilá, Iyami e Exú, representam o princípio criador, procriador e criado respectivamente. Esta trindade aparece nos odús: Ìrété òwànrín (ou Ìrété olótà), Òdí Méji e Ìrété ogbè, contam respectivamente:

- como Orunmilá surpreendeu o segredo de Iyami em Otá;
- como Orunmilá acalma Iyami;
- como Odúá chegou a ser esposa de Orunmilá.

O primeiro odú esclarece das proibições alimentares das Ajés.

O segundo odú narra como as Eleye ensinaram aos babalaôs como chamá-las e curar aqueles que estão sob seu jugo.

O terceiro odú mostra que para existir um destino que possa ser melhorado é necessário que exista a vida.

Percebemos nestes itans relações de gênero da sociedade neolítica na qual não existe uma família nuclear, na qual os filhos não tem um pai ou mãe definidos porém formam uma coletividade: os filhos de Orunmilá e as filhas de Iyami.

---

<sup>2</sup> O testemunho de Deus, o vice de Deus, aquele que está no céu e na terra, o historiador de Ifé. (Escada & Filho; 2001:19)

## 6.2.1 Ìrété Òwánrín

Orunmilá consulta Ifá para ir a Otá e descobrir os segredos das Eleye. O babalaô pede-lhe para fazer uma oferenda<sup>3</sup>. Ele faz o sacrifício e parte para a cidade das mulheres pássaro. Exú o vê, e notamos que possivelmente Exú estava sob a forma de um pássaro (o grifo é nosso):

“Exu (que faz o bem e o mal, que faz todas as coisas).

**Exu transforma-se rapidamente,  
Tornou-se então uma pessoa.**

Ele vai chamar todas as àjé que estão em Ota.”

(Verger; 1992:42)

e conta para as Ajé que Orunmilá possui um pássaro tão poderoso quanto o delas. As donas do pássaro estranham:

**“Elas dizem, este homem tem um pássaro?”**

(Verger; 1992:42)

As labás foram avisadas por Exú que a divindade Orunmilá possuía um pássaro, porém elas referem-se ao Orixá como homem, ressaltando a relação de gênero. Ao se dar o confronto entre ele e as Ajé, ao verem Orunmilá sentado – o que indica uma falta de respeito - elas praguejam:

“elas dizem que não querem retirar

seus maus olhados do corpo de Orunmilá.

Elas dizem que lutaram com ele.

Elas dizem que elas estão em cólera porque  
ele conhece o segredo delas.

Elas dizem, eles querem assim conhecer seu segredo.

Elas dizem, se elas pegam Orunmilá, elas o matarão.”

(Verger; 1992:42)

Orunmilá consulta outro babalaô, Tèmáyè, que indica-lhe um ebó<sup>4</sup> para ficar protegido da fúria delas. As Eleye comem o ofertado e tentam novamente perseguir Orunmilá, porém não conseguem mais vê-lo. Orunmilá fala:

“... àjé não é severa, ela não pode comer ekujebu, vós de modo algum, podeis matar-me.

Ele diz, o frango òpìpì não tem asas para voar sobre a casa, elas não podem matar-me.

Isto foi o que Òrúnmilá fez naquele dia, para que elas não sejam capazes de matá-lo,  
quando Òrúnmilá foi a Òtà para ver o segredo delas.”

(Verger; 1994:39)

O ebó que Orunmilá ofereceu faz parte das proibições para as ajés.

## 6.2.2 Òdí Méjì

Neste odu as Iyami encontram Orunmilá e falam que estão indo para a terra e levarão toda espécie de calamidades. Orunmilá explica-lhes que seus filhos estão na terra, elas dizem para Orunmilá conversar com seus filhos para que eles preparem uma oferenda para ela<sup>5</sup>.

<sup>3</sup> Um saco de tecido branco, uma cabeça de serpente oká, um pombo branco, quatro caroços de nozes-de-cola branca e vermelhas, óleo (azeite de dendê), efun, osun e uma cabeça. (Verger; 1994:38)

<sup>4</sup> Ekujebu (grão muito duro), frango òpìpì (frango que possui penas crespas, arrepiadas), èko (massa de milho envolta em uma folha) e seis shillings. (Verger; 1992:43)

<sup>5</sup> Folhas de ogbó, uma cabeça, rabo e corpo de um rato òkété (separados), ovos de galinha, mingau de milho misturado com azeite, azeite e quatro shillings. (Verger; 1992:58)



Orunmilá envia um emissário para a terra com a mensagem, possivelmente Exú.

As Eleye chegam à terra e pousam sobre sete árvores: orógbó, àjánrèré, irókò, oro, ògún bèreke, arere e opé ségiségi, porém é nesta última que conseguem firmar sua residência. È aí que constroem um quarto, um pátio nos fundos e fazem um montículo de terra no lugar onde se reúnem. Ao se unirem promovem toda espécie de doenças:

“... trazem dores de barriga para as crianças.  
Trazem doenças para as crianças.  
Arrancam os intestinos das pessoas.  
Arrancam os pulmões das pessoas.  
Bebem o sangue das pessoas.  
Dão dores de cabeça aos filhos de um outro.  
Dão doenças aos filhos de um outro.  
Dão reumatismo aos filhos de um outro.  
Dão dores de cabeça, febre, dor de estômago, aos filhos de um outro.  
Fazem sair a gravidez do ventre daquela que está grávida.  
Trazem para fora o feto daquela que não é estéril.  
Não deixam que uma mulher fique grávida.  
Aquele que está grávida elas não deixam parir.”

(Verger; 1994:49)

Presumimos que as seis primeiras árvores representam cidades onde moravam os babalaôs.

As pessoas perseguidas pela fúria das eleye foram procurar a ajuda dos filhos de Orunmilá. Eles sabiam que deveriam chamá-las com uma voz bem triste e entregar o sacrifício sobre o montículo de terra onde se reuniam, eles teriam de chamá-las cantando com uma voz bem triste:

“Mãezinha vós conheceis minha voz.  
Ìyàmi Òsóròngà, vós conheceis minha voz.  
Ìyàmi Òsóròngà, toda coisa que eu disser,  
A folha ogbo disse que vós certamente compreendereis.  
Ìyàmi Òsóròngà, vós conheceis minha voz.  
Ìyàmi Òsóròngà, a cabaça diz que vós ides agarrar.  
Ìyàmi Òsóròngà, vós conheceis minha voz.  
Ìyàmi Òsóròngà, a palavra que o rato òkété disse à terra,  
a terra certamente a compreende.  
Ìyàmi Òsóròngà, vós conheceis minha voz.  
Ìyàmi, todas as coisas que eu disser vós fareis.  
Ìyàmi Òsóròngà, vós conheceis minha voz.”

(Verger; 1994:50)

Quando terminam de cantar todas as Eleye silenciaram, aos filhos de Orunmilá foi dado o poder de curar e ajudar aqueles que são perseguidos por Osorongá.

“Como as Ìyàmi autorizaram os filhos de Òrúmílà naquele dia,  
todas as coisas que eles fizerem agirão.  
Mas naquele dia eles chamarão com voz triste o canto indicado,  
para que Olorun deixe essas pessoas realizar esta boa tarefa.”

(Verger; 1994:50)

### 6.2.3 Ìrété Ogbè

Odùà recebeu de Olodumaré o pássaro Aragamago quando veio para o aiyé. Odùà não queria ser vista por ninguém, ela enviava seu pássaro para fazer o bem ou o mal. Se alguém ousasse ver seu rosto ou o conteúdo da cabaça, Aragamago furaria os olhos da pessoa.

Os babalaôs consultam Ifá para saber quando Orunmilá tornará Odù sua esposa, porém o advertem sobre o poder que ela possui:

“...Odù, quem você quer ter para esposa,  
eles dizem, um poder esta entre as mãos dela.  
Eles dizem, para que este poder Orumilá fará uma oferenda no chão,  
por causa de todas estas pessoas.  
Eles dizem, que com seu poder ela não o mate e coma,  
porque o poder desta mulher é muito maior que o de Orumilá.”  
(Verger; 1992:81)

Orunmilá faz rapidamente as oferendas<sup>6</sup> e deixa no chão em frente a casa de Odù. Ela encontra o ofertado e quer saber quem o trouxe. Exú responde-lhe que foi Orunmilá e que ele quer desposá-la. Odù permite a Aragamago que coma o presente de Orunmilá.

“Todos aqueles que Odù traz atrás dela, são coisas más.  
Ela diz que eles todos comam.  
Odù abre assim a cabaça de Aragamágo, seu pássaro, no chão.  
Ela diz que ele coma.”

(Verger; 1992:82)

Odù chama Orunmilá e diz-lhe que reconhece seu poder e que será sua aliada, porém coloca uma proibição, que nenhuma de suas mulheres lhe veja o rosto. Orunmilá aceita a condição e desde então Odù está a seu lado para torná-lo próspero, lutar por ele e colocar seu pássaro a sua disposição. Orunmilá rende-lhe homenagem:

“Orumilá diz heim! Você, Odù.  
Ele sabe que você é importante.  
Ele sabe que você é superior a todas as mulheres do mundo.  
Ele não gracejará com você, jamais.  
(...)  
porque Odù é o poder dos babalaôs.”

(Verger; 1992:84)

## 6.3 IYAMI E A SOCIEDADE GELEDÉ

### 6.3.1 Iyapetebi pode ser tão poderosa quanto Orunmilá

Um mito narra-nos que Oxum foi encarregada por Obatalá de ensinar aos homens o culto dos Orixás, a Senhora do Ekodidé conheceu de cada Orixá como deveria ser cultuado e ensinou tais segredos a Babaloxá, porém havia um problema, o Senhor dos Destinos mantinha seu culto à parte dos Orixás e nenhuma mulher poderia ter acesso ao Opelé Ifá...

Sabendo que Orunmilá nutria-lhe profundo amor Oxum aceitou desposá-lo com as condições de que ela continuasse morando em seu palácio, que não existissem segredos entre ambos e o principal que possuísse um cargo e um título no culto a Ifá. Consumaram sua união naquela mesma noite. Passados alguns dias quando Orunmilá reuniu seus Babalaôs, Oxum

---

<sup>6</sup> Um rato òkété, um peixe, um caracol, azeite de dendê e oito shillings. (Verger; 1992:82)

adentrou no Igbođuífá, um lugar vedado à presença feminina. A Mãe das Águas descaradamente lembrou ao Senhor do Ifá a promessa que ele lhe fizera e que ela viera cobrar.

“Orunmilá então, com a ajuda dos seus sacerdotes, iniciou Oxum no Culto de Ifá, entregando-lhe uma cabaça com um único ikin e conferindo-lhe o título de Iyapetebi...”

(Ogbebara;1998:84)

dando-lhe o direito de participar da primeira parte da consagração dos sacerdotes de Ifá.

“Ficarás encarregada de providenciar as comidas que me serão oferecidas, assim como de cozinhar as carnes dos animais que para mim forem sacrificados. Não poderás, no entanto, acessar os segredos dos 256 Odus Ifá. Isto porque já és demasiadamente poderosa e, de posse destes conhecimentos, imporás de tal forma teu poder sobre os homens que o mundo viverá em constante desequilíbrio. Os meus sacerdotes curvar-se-ão sempre diante do poder que possuis, e que garante a geração de todos os seres vivos sobre o planeta.”

(Ogbebara; 1998: 84)

A Doce Senhora sentiu-se enganada pelo esposo. Queixou-se a Exú, o melhor amigo de Orunmilá, e pediu a ele que roubasse os segredos dos ikins de Ifá. O Senhor dos Caminhos não traiu o amigo e criou para Oxum um jogo que continha os 16 odús principais do Opelé Ifá, porém como tudo que faz tem seu preço, cobrou de Oxum a promessa de que todos aqueles que consultassem os conselhos do búzios deixassem algo para Exú e assim, Oxum e Exú tornaram-se os patronos do jogo de búzios. (Ogbebara; 1998:87)

### 6.3.2 Quão perigosas são as mulheres...

Orunmilá ficou muito magoado com a atitude de Oxum e percebeu quão perigosas são as mulheres. Queixando-se a Exú, resolveu engendrar um plano para acabar com a supremacia feminina. O Senhor do destino reuniu os homens e junto a Exú desestabilizaria a união feminina através da vaidade, qualidade própria das mulheres, levando-as a competirem umas com as outras.

“Os planos de Orunmilá e Exu se concretizaram de forma rápida e eficiente. Todos os homens aderiram integralmente ao movimento e guardavam sobre o mesmo o mais absoluto segredo. As mulheres foram, aos poucos, relegadas a uma posição inferior e, antes que percebessem, estavam totalmente submetidas ao poder masculino.”

(Ogbebara; 1998:105)

### 6.3.3 Geledé: uma sociedade de mulheres

Os planos de Orunmilá e Exú teriam dado certo se não existisse uma labá desprovida de vaidade: Oba. A virgem guerreira, tímida e solitária por natureza, foi a primeira Orixá a dar-se conta do que estava acontecendo. Pretendendo reassumir o papel da mulher na comunidade criou uma sociedade chamada Ogbé Geledé, na qual apenas as mulheres seriam aceitas. Ao participarem dessas reuniões as mulheres usariam máscaras para não serem reconhecidas e deixariam seus seios expostos, para que nenhum homem se infiltrasse durante as reuniões. Iemanjá, Iansã, Nanã, Euá e Oxum eram presenças constantes nesse culto que adorava Iyami Osorongá.

Exú que esta sempre bem informado, escondeu-se na floresta para vigiar as mulheres quando percebeu Oluô, o pássaro das ajés:

“Sua aparência além de seu tamanho, erra terrificante. O bico envergado e pontiagudo abria-se e fechava-se ameaçadoramente, enquanto emitida guinchos indescritíveis. Na cabeça desprovida de plumagens até o final do pescoço, destacava-se um par de olhos semelhantes a bolas de fogo ao vivo. Todo o corpo era recoberto por penas negras, que mais se assemelhavam a finas lâminas de algum tipo de metal até então desconhecido e que, ao Sol, emitiam reflexos azulados que ofuscavam a visão. As garras. Ah! As garras eram tão ameaçadoras que Exu não se propôs a descrevê-las jamais!”

(Ogbebara; 1998:108)

Foi a primeira vez que Exú sentiu medo.

Podemos perceber na descrição de Oluô um imenso urubu, uma das formas que Oxum pode assumir conforme o mito exposto no sub capítulo 5.1.

A sociedade Geledé é vista no odu Irété Méjì:

“Ela leva no meio da sociedade o sangue da pessoa que ela enviou para pegar e todas as suas companheiras querem tocar com a boca. Quando tiverem bebido juntas esse sangue, elas se separam. Quando elas se separam, o dia seguinte já veio, a noite seguinte já veio, elas enviam um novo pássaro”

(Verger; 1992:40)

### 6.3.4 Orunmilá engendra outro plano.

Exú após assistir tenebrosa aparição correu até Orunmilá para contar o que vira. Ambos resolvem criar outra forma para desestruturar a sociedade feminina e convidam Xangô para colocar seus planos em ação.

Orunmilá diz a Xangô que ele deverá tomar por esposas três labás Obá, Iansã e a terceira ficaria a seu critério.

O rei de Oió reclama que Obá é velha, feia e desajeitada, Orunmilá retruca que ela é virgem. Xangô diz que Iansã é casada com Ogum e estéril, mais uma vez o Grande Babalaô retruca contando um segredo:

“- É que ela é portadora duma praga. Iansã só poderá engravidar quando for possuída violentamente por alguém. (...)  
- Então terei que estuprá-la? – perguntou Xangô.  
- Sé é assim que vês a coisa. Se este é o termo que preferes usar, sim, terás que estuprá-la! – confirmou Orunmilá.”

(Ogbebara; 1998:116)

Orunmilá sugere a Xangô que tome por terceira esposa Euá, porém o elegante Orixá retruca dizendo que não, pois se enamorara de Oxum.

“- Mas Oxum é minha mulher!... – falou Orunmilá aturdido.  
- Pouco me importa a quem pertence. Logo que a vi, senti despertar em mim um sentimento que até então desconhecia. Um calor dentro do peito, uma vontade incontrolável de abraçá-la de possuí-la, de fazê-la minha, completamente minha... Aceito tudo que me propões, Orunmilá. Conquistarei Obá, raptarei Iansã, mas somente se Oxum me for dada como esposa. Se minha condição não for aceita, podes procurar outro para fazer o que pretendes – disse enfático Xangô.”

(Ogbebara; 1998:117)

Xangô tendo consumado o combinado levou para Oyó Obá e Iansã, apesar das duas labás viverem brigando, na frente de Xangô mantinham as aparências. O rei de Oyó envia uma mensagem, através de Exú, para Orunmilá enviar Oxum.

“Diga a ela que se prepare pois, amanhã, com o nascer do Sol, deverá partir ao encontro de seu novo amor. Não quero despedidas, e hoje mesmo sairei pelo mundo em busca de meu próprio destino. Sem rumo, sem direção, ensinando aos homens os segredos de Ifá. Abandono aqui tudo que construí e que atualmente possuo. Levo apenas meu saber para compartilhá-lo com os homens que eu considere dignos.”  
(Ogbebara; 1998:126)

### 6.3.5 A sociedade Geledé torna-se também masculina.

Obatalá assumiu a liderança masculina devido o afastamento de Orunmilá, o plano para desunir as líderes Geledé dera certo, Obá até perdera sua orelha em atrito com Oxum, porém restava uma labá. Armou um plano no qual atrairia a mãe das águas até uma floresta para fazer um acordo que satisfizesse ambas lideranças, ao encontrá-la o Orixá agrediu e violentou Iemanjá. Magoadada e enojada a labá transformou-se em água e jamais foi vista. A liderança feminina perdera sua última líder e a mulher voltara novamente a ser submissa aos homens.

“... a Sociedade Guéléde, a partir de então, teve que submeter-se à adesão masculina para poder subsistir. Ainda assim, o comando das mulheres ficou definitivamente estabelecido. Somente elas possuem os poderes e os segredos de ajé, devendo, por isso, serem tratadas com grande respeito e consideração. Depois disso, os homens, para participarem da sociedade, teriam de usar as máscaras guéléde, e sua participação ficaria restrita a dançar e a tocar os tambores do ritual. O objetivo da sociedade, que antes era exacerbar a maldade existente no poder feiticeiro de Iyami, modificou-se desde aí, e as danças, os cânticos e as oferendas feitas em sua homenagem, visam hoje, a aplacar a sua cólera ao em vez de incentivá-la.”

(Ogbebara; 1998:132)

## 6.4 AJÉ É BRUXA E VELHA

Uma estória narra que Euá sabendo sobre o fim da sociedade Geledé, usando seus poderes de Iyami Ajé resolveu adotar uma forma humana para vingar-se de Orunmilá.

“Iewá era agora uma bela mulher, irresistível a qualquer homem. Porém, sua beleza só se revelava a noite. De dia assumia a forma de verdadeira bruxa: recurvada, cheia de rugas, sem dentes e deformada fisicamente.”  
(Ogbebara; 1998:162)

Orunmilá ficou enfeitiçado pela beleza de Euá, passava as noites a amá-la e de dia dormia profundamente manipulado pelas poções e encantamentos que a ajé colocava em suas refeições. Exú que estranhara a falta de notícias do sábio babalaô, saiu pelo mundo a procurá-lo e encontrou o casebre onde ambos viviam, muito esperto observou o que acontecia antes de se aproximar. Apercebera-se que de dia uma velha ficava acocorada próximo a uma árvore e a noite uma bela jovem adentrava na casa, Exú conhecia o poder das ajé e resolveu agir. Sabendo do verdadeiro

pavor que Euá nutria por Xaponã e vestiu-se de palha como o orixá da varíola, a Ajé vendo tal criatura pôs-se a correr, era a oportunidade que ele queria. Entrando rapidamente na casa acordou Orunmilá com uma poção mágica e levou-o para fora da casa para que enxergasse quão tolo fora ao submeter-se novamente aos poderes de Iyami.

Vendo a terrível velha Orunmilá decepou-lhe a cabeça, esquivando-se assim de seus feitiços. A aparência da ajé aos poucos foi retornando as belas e juvenis formas de Euá.

“O cadáver de Iewá transformara-se para sempre, na Lua, que, segundo dizem, é fria como a morte. As gotas de suor por ele desprendidas, tocadas pelo vento, transformaram-se nas estrelas. Iewá pôde, desde então, retornar ao Orun e expor sua beleza na vitrine dos céus.”

(Ogbebara; 1998:165)

## 6.5 A SOCIEDADE GELEDÉ NO BRASIL

Os rituais Geledé são realizados para exaltar e favorecer a fertilidade da terra e das mulheres, nele Efe, a representação do pássaro filho, aparece de dentro da floresta. O dia oito de dezembro era escolhido para a procissão, onde são feitos ritos e sacrifícios para Iyami Osorongá. Os adereços e objetos rituais de seu culto, hoje encontram-se no Ilé Axé Opô Afonjá.

Maria Júlia Figueiredo ou Omonike, Iyalaxé do Ilé Iya Nassô foi sua última sacerdotisa no País, detinha os títulos de Iyalode da Casa de Oxum e Erelú, da sociedade Ogboni.

Até o presente momento não tivemos notícias que a sociedade Geledé tenha sido reativada no Brasil, porém ouvimos comentários de um informante que no Estado do Rio de Janeiro existe certo movimento para que isto aconteça.

## 6.6 IYAMI OSORONGA E A SOCIEDADE OGBONI

A sociedade Ogboni agregava homens e mulheres, seu símbolo representa um casal unido por uma corrente fincada a terra, nítida referência ao culto e aos poderes das Igba-nlá. A supremacia feminina é percebida no cumprimento de mão de seus iniciados, pois é com a mão esquerda que também tocam a terra. Recordemos que o lado esquerdo está relacionado aos Eboras e aos ancestrais femininos.

Santos recorda:

“ao tempo das revoltas de escravos no séc. XIX, há evidência de remanescentes Ogboni à frente de organizações libertárias entre os escravos nagô.”

(apud Luz; 2000:122)

O título de Erelu, encabeça a hierarquia feminina Ogboni.

## 6.7 A IRMANDADE DA BOA MORTE

A Irmandade da Boa Morte atualmente está instalada na cidade de Cachoeira, no Recôncavo baiano. Primeira confraria negra feminina, uma noviça para ser aceita precisa estar vinculada a alguma Casa de Candomblé, caso aceita sua vocação será testada através de uma iniciação de três anos.

É uma ordem hermética, de difícil acesso e seus rituais secretos são quase inacessíveis aos pesquisadores. Autores como Falcon, Nascimento, Lody têm estudado e levantado hipóteses sobre sua constituição, ritos e procissões públicas que acontecem no mês de agosto.

Um informante soteropolitano afirmou-nos que a Sociedade da Boa Morte é fechada e não foge a regra do silêncio e de mais colher do que plantar.

## 6.8 IYAMI AGBA: A ANCIÃ DE CABELOS BRANCOS DESPEDE-SE DOS FILHOS.

Sob o aspecto de *Ìyámí Agba* identificamos Osorongá sob as faces de Odù e Nanã, mães veneráveis e anciãs que se recolhem do mundo, mas jamais deixarão de ouvir seus filhos como vemos no odú Ose Oyekú Igbadú:

Ifá é consultado para Odù que possui um apèrè. O Oráculo pede-lhe que faça uma oferenda para seus filhos e prediz:

“..., você, Odù,  
Eles dizem, ela ficará velha, ela ficará uma pessoa velha.  
Eles dizem, vai ser dito que sua cabeça será toda branca,  
Que ela ficará muito velha.  
Eles dizem que ela ficará no mundo,  
Que ela não vai morrer rapidamente,  
Você, Odù.  
Quando Odù não morre rapidamente,  
Odù está com boa saúde.  
Quando o tempo passa, Odù se torna muito velha.  
Eles devem pedir a palavra a Odù.”

(Verger; 1992:85)

A experiência adquirida pela idade avançada concede-lhe o título de *Iyalode*, chefe suprema nas contendas, por isso todos devem pedir a palavra a Odù.

O itan ainda diz que Odù percebe-se idosa comprometendo suas funções. Reunindo seus quatro conselheiros Obarixá, Obaluaê, Ogum e Oduduwa, afirma que irá partir, porém deixará algo para que seus filhos possam guiar-se nos momentos de dificuldades.

Os quatro conselheiros vêm no mato a cabaça. Nesta parte do texto existe uma divergência nas traduções, pois Gadzanis escreve:

“...estes quatro olharam então para a mata,  
assim eles viram a cabaça coberta de excremento.”

(Verger; 1992:86)

Marcondes de Moura afirma:

“...esses quatro então olharam para o mato,  
assim viram a cabaça coberta de excrescências.”

(Verger; 1994:66)

A primeira tradução leva-nos a pensar sobre a falta de controle das funções orgânicas própria dos velhos. A Segunda interpretação sugere-nos tumores, saliências no corpo, porém ambas traduções propõe a idéia de deteriorização: a anciã tornou-se estéril.

Ogum colhe a cabaça mais quatro cabacinhas que distribui a cada um dos conselheiros cortada em quatro caminhos. Isto feito Odù fala a eles sobre a união que faz a força e que aceitem sua morte.

Obarixá coloca efun, espécie de pó branco, numa cabacinha e oferece a Odùã dizendo-lhe que aceite e coloque a oferenda em seu apèrè, pois todos aqueles que adorarem Oxalá, estarão adorando Odùã, porque “...ele e ela. Odù, são uma única coisa.” (Verger; 1994:67)

Obaluaê enche de osùn, um pó vermelho que ele também passa em seu corpo, sua cabaça e presenteia Odùã dizendo-lhe:

“...todas as coisas que teus filhos te pedirem,  
eles a receberão todas.  
Se for dinheiro que eles pedirem,  
então ele o fará por eles.  
Aos apelos que seus filhos fizerem,  
ela responderá do interior dessa cabaça,  
pois ela tornou-se idosa.”

(Verger; 1994:67)

Ogum também oferta sua cabaça cheia de carvão vegetal para a Grande Mãe dizendo-lhe que através dessa cabaça ela também será adorada e que seus filhos terão saúde.

“...seus filhos não morrerão na infância.  
Ele diz, seus filhos não envelhecerão em meio ao sofrimento”.

(Verger; 1994:67)

Oduduwa<sup>7</sup>, entrega a Odùã sua cabaça repleta de lama e ela aceita. Os poderosos Orixás dizem que no apèrè estão os quatro cantos do mundo. A anciã responde:

“...se seus filhos adoram o apèrè, que é sua,  
eles a adoram assim.  
Ela diz, as coisas que eles lhe dizem para fazer, elas as fará no bem.  
Ela diz, se eles adoram a cabaça de efun, que é de Obarixá,  
que eles venham adorá-la lá também, ela responderá.  
Ela diz, se eles adoram a cabaça de osùn, ela responderá.  
Ela diz, se eles adoram a cabaça de carvão, ela responderá.  
Ela diz, se eles adoram a cabaça de lama, ela responderá.  
Ela diz, mas se eles tiverem agora trazido o apèrè,  
ela diz, vocês, todos seus filhos, é ela que adorais,  
que queiram vir a adorar num só corpo que ela coloca dentro deste apèrè.  
Desde aquele tempo, com sementes de kola brancas e sementes de kola vermelhas,  
eles adoram Odù.”

(Verger; 1992:89)

Desde então é adorada em seu apèrè, casa de Odù, o apèrè Igbadú.

## 6.9 TRABALHOS PARA APASCENTAR IYAMI

O grande estudioso africanista Pierre Verger em seu livro Ewé trata de fórmulas africanas para várias situações e males da vida segundo os duzentos cinquenta e seis odús. Transcrevemos aqui as fórmulas referentes as Iyami, conforme as indicações de Fatumbi.

Os números entre parentêses referem-se ao número da receita relatada no livro e o número da ficha catalogada na Fundação Pierre Verger; o nome e o número à direita referem-se ao odú de Ifá da qual fazem parte.

---

<sup>7</sup> Entendemos que é um descendente de Odùã: Akobi ou Olowu, pois Odùã ou Oduduã é a fundadora de Ilé Ifé. A lama que ele entrega é uma referência a seu parentesco.



### 6.9.1 (262 - 1141) - ÌMÚ NI DI ÌYÀMI TÀBÍ ÀJÉ

Ìretè òwónrín, 217

Trabalho para tornar-se Iyami.

Ewé oyóyó	Folha de <i>CORCHORUS OLITORIUS</i> , Tiliaceae (juta)
Ewé èbùré	Folha de <i>CRASSOCEPHALUM RUBENS</i> , Compositae
Ewé àjé òfòlé	Folha de <i>CROTON ZAMBESICUS</i> , Euphorbiaceae
Ewé òpìpì	Folha de <i>ACANTHUS MONTANUS</i> , Acanthaceae (falso-cardo)
Ewé àidan	Fruto de <i>TETRAPLEURA TETRAPTERA</i> , Leguminosae Mimosoideae
Ose dúdú	Sabão-da-costa
A ó gún um mó ose.	Pilar de sabão-da-costa.
A ó tefá lórí ìyèròsùn.	Desenhar o odu em ìyèròsùn.
A ó pò ó pò	Misturar.
A ó fi wè	Lavar-se com a preparação.

### 6.9.2 (265 - 1172) – ÍRÁN ÌYÀMI SÍ ÈNÌYÀN

Òsé òsá, 236

Trabalho para fazer as Iyami atacarem alguém

Ewé ejìnrìn olókun	Folha de <i>IPOMOEA NIL</i> , Convolvulaceae (jeticuçu)
Ewé apàwófá	Folha de <i>SYNEDRELLA NODIFLORA</i> , Compositae
Ewé òrírá	Folha de <i>LUFFA ACUTANGULA</i> , Cucurbitaceae (bucha-de-purga)
A ó jó o pò, a ó dà á sórí òkété gbígbe.	Queimar tudo.
A ó da epo pupa sí.	Despejar sobre o corpo de um sarigüê torrado.
A ó da obì aláwé mérin.	Adicionar azeite de dendê.
A ó fi obì se ìwádíí ibi tí a ó gbe sí fún àwon ìyàmi. [ A ó pe ofò rè].	Perguntar com noz de cola onde depositar para as ìyàmi, Pronunciando a encantação.
Ejìnrìn Olókun	Ejìnrìn de olókun.
Ejìnrìn iwo mà ni awo olókun.	Ejìnrìn, você é mesmo o awo de olókun.

### 6.9.3 (271 – 1189) – WÍWÁ ÌYÓNÚ ÌYÀMI

Òsá méjì, 10

Trabalho para obter favores das ìyámi.

Èso àkàrà osó	Fruto de <i>CNESTIS FERRUGINEA</i> , Connaraceae
Ewé àjé kòbàlé	Folha de <i>CROTON ZAMBESICUS</i> , Euphorbiaceae
A ó jó o.	Queimar os ingredientes.
A ó fi tefá. A o pe ofò rè.	Desenhar o odu na preparação, pronunciando a encantação.
A ó máa lá á pèlú epo pupa látìgbàdégbà.	De vez em quando lamber com azeite de dendê.
Àjé n´ ké kára kára	Feiticeiras gritam alto
Wón ní eye òrò ló wòlú.	Elas dizem que o pássaro do mal já entrou na cidade.
Àkàrà osó kí í jé kí àjé kó pa osó	Àkàrà osó não deixa as feiticeiras matarem o feiticeiro.
Àjé kòbàlé ó ní kí eye ó má bà lé mi.	Àjé kòbàlé diz que aquele pássaro não se empoleirará em mim.

### 6.9.4 (272 - 1191) – WÍWÁ ÌYÓNÚ ÌYÁMI

Òsá méjì, 10

Trabalho para obter favores das Ìyámi.

Ewé àsábá	Folha não identificada.
Ewé asoféyeje	Folha de RAUVOLFIA VOMITORIA, Apocynaceae
A ó gún un.	Moer as folhas.
A ó tefá lórí ìyèròsùn.	Desenhar o odu em ìyèròsùn pronunciando a encantação.
A ó pe ofò rè, a ó dà á pò.	Misturar tudo.
A ó máa lá a pèlú epo pupa.	Lamber com azeite de dendê.
Asoféyeje bá mi be ìyàmi àjé	Asoféyeje, ajude-me a pacificar as ìyàmi, as feiticeiras.
Àsábá bá mi be ìyàmi àjé	Asaba, ajude-me a pacificar as ìyàmi.

### 6.9.5 (273 - 1195) – WÍWÁ ÌYÓNÚ ÌYÀMI

Òsá méjì, 10

Trabalho para obter favores de Ìyàmi.

Ewé kere yàlè	Folha de PANICUM sp., Gramineae
Ewé elémú	Folha não identificada
Èyo ataare mèsàn	Nove grãos de AFRAMOMIUM MELEGUETA, Zingiberaceae (amomo)
A ó gún un.	Moer.
A ó pe ofò rè.	Pronunciar a encantação.
A ó fi sín gbéré yípo orùn owó.	Fazer incisões ao redor do pulso.
Àjé kò gbodò je kere yàlè.	A feiticeira nunca deve comer kere yàlè.
Elémú ó ní kí ìyàmi má lè mú mi.	Elémú diz que a ìyàmi não deve ser capaz de me pegar.

### 6.9.6 (274 - 1200) – WÍWÁ ÌYÓNÚ ÌYÀMI

Òsá méjì, 10

Trabalho para obter favores das Ìyàmi

Ewé dàgbà	Folha de CLERODENDRUM VOLUBILE, Verbenaceae
Ewé ògùn bèrè	Folha de LEUCAENA LEUCOCEPHALA, Leguminosae Mimosoideae
Ewé kékétu	Folha não identificada.
Ewé ìnìnrin (inimirim)	Folha de DIOSCOREOPHYLLUM CUMMINSI, Menispermaceae
Òrí (limo-da-costa)	BYTYROSPERMUM PARADOXUM subsp. PARKII, Sapotaceae
A ó lò ó. A ó pò ó mó òrí.	Moer os ingredientes com limo-da-costa.
A ó pe ofò rè.	Pronunciar a encantação.
A ó máa fi pa ara.	Esfregar a preparação no corpo.
Dàgbà ní dorí ìyàmi àjé	Dàgbà sempre guia as ìyàmi, as feiticeiras
Ògùn bèrè bá mi be ìyàmi	Ògùn bèrè, ajude-me a implorar as ìyàmi.
Kékétu kí í jé kí ìyàmi ó bínú	Kékétu nunca deixa as ìyàmi ficarem zangadas.
Ìnìnrin ó ní kí won	Ìnìnrin diz que elas devem sorrir
ó máa rín èrín rere sí mi.	favoravelmente para mim.

### 6.9.7 (275 - 1212) – WÍWÁ ÌYÓNÚ ÌYÀMI

Òsá méjì, 10

### Trabalho para obter favores das ìyàmi.

Ewé àtìbà	Folha de RHIGIOCARYA RACEMIFERA, Menispermaceae
Ewé pèrègún	Folha de DRACAENA FRAGRANS, Agavaceae (coqueiro-de-vênus nativo)
Ewé ìgbàsèjo	Folha não identificada
Ìgbín	Um caracol
A ó gbélè sí àrin ilé.	
A ó kó gbogbo àwon èlò	Cavar um buraco dentro da casa.
sí i pèlú ìgbbín.	Colocar tudo dentro junto com um caracol.
A ó pe ofò rè.	
A ó wá fi erupè bò ó.	Pronunciar a encantação e cobrir.
Àtìbà bá mi be ìyàmi àjé Àtìbà	ajude-me a implorar as ìyàmi, as feiticeiras.
Pèrègún ó ni kí ayé mi ó gún	Pèrègún manda que a minha vida seja reta.
Ìgbàsèjo ní kí won	
gbá rere jo fún mi.	Ìgbàsèjo diz que você deve trazer boa sorte para mim.

## 6.10 A ASA ENCANTADA DE IYAMI ÒSÒRÒNGÀ.

Finalizando este capítulo transcrevemos fragmentos de um conto recriado pelos educadores da Escola Eugênia Ana dos Santos, do Ilé Axé Opô Afonjá, no qual Iyami Òsòròngà espalha seu Axé pela Terra.

“Era uma vez, no princípio da nação Yorubá, Oduduwa reinava segurando o governo de seu povo com mãos de ferro. Os inimigos do rei saqueavam as caravanas que para Ilé Ifé se dirigiam. Os árabes ameaçavam invadir o reino.

Era nos primeiros tempos. Ogum, principal amigo do rei, queria ajudar a construir Ifé. E assim fez. Ogum é a força. Ogum faz. Ogum pega de uma grande mão de pilão e vai à guerra. Leva ao seu lado Iansã, a guerreira dos ventos e das tempestades. Vão lutar contra os árabes e vencê-los. As batalhas se sucedem. Ogum e Iansã são vencedores. Seus exércitos enchem o reino de Oduduwa de glórias, de tesouros e de prisioneiros. O difícil agora era parar. Ogum e Iansã estavam em guerra com o mundo todo. Com as vitórias aumentavam as riquezas do rei para mais da conta e crescia Ilé Ifé. E por outro lado, crescia o sofrimento das mulheres sem marido e a fome e o choro das crianças sem pai.(...)

Foi então que Oxum, a senhora dona das águas doces e da cachoeira, intercedeu pelas crianças e pelas mães sem marido, junto a Yemanjá, a senhora das águas do mar, a mãe de Ogum, o Senhor da guerra. (...)

Yemanjá, mais que depressa, dirigiu-se a Iansã, a companheira de Ogum nos campos de guerra. Yemanjá e Iansã, ambas mães, logo se entenderam e puseram mãos à obra.

Oxum e Yemanjá transformaram-se em pássaros como no princípio e foram voar pelos caminhos dos guerreiros cantando os ORIN mais lindos. Ogum logo se deu conta das águas. Iansã transformou-se também em pássaro encantado. E as águas entraram pelos olhos de Ogum e ele via Ilê Ifé terminada. E as águas esfriaram a sua vontade de guerra. E os três pássaros encantados voaram juntos. As ayabás encantadas voaram abraçando o mundo com suas asas. E a paz voltou à terra. Ilê Ifé se tornou a cidade da luz.(...)

E a asa do pássaro encantado é exatamente isso, a liberdade, a paz, o Axé.”

(Petrovich & Machado; 2000:39)